

Liahona

Indicando o caminho que leva a Jesus Cristo



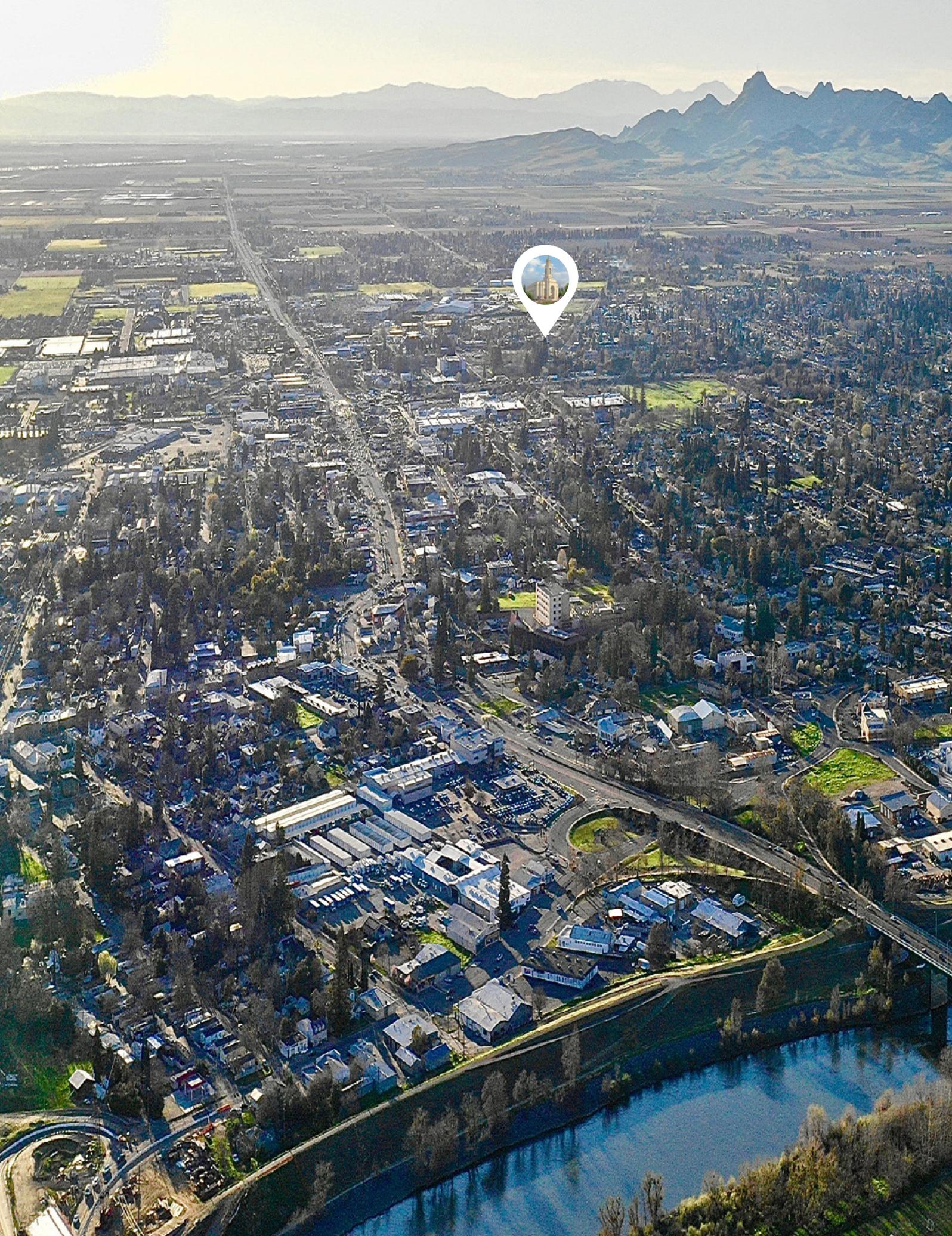
EM SEU
SANTO NOME

O NOME DA IGREJA

O presidente Eyring compartilha testemunhos de membros, 6

O TRABALHO DO TEMPLO ABENÇO A TODOS

Receber as ordenanças e o amor do Senhor, 12-17, 42-47



 A IGREJA ESTÁ AQUI

Yuba City, Califórnia, EUA

Yuba City se localiza entre o rio Feather e a menor cordilheira do mundo, Sutter Buttes. A seta mostra onde o Templo de Feather River está sendo construído.



756.507 membros na Califórnia



11 congregações na Estaca Yuba City Califórnia



8 templos na Califórnia quando o Templo de Feather River estiver concluído

“É preciso ter esperança”

Um Incêndio destruiu uma cidade próxima, Paradise, em 2018, mas sobreviventes como Peg Branvold encontraram consolo ao saber que foi anunciado um templo. “É preciso ter esperança de que as coisas vão melhorar”, disse ela.





“E se meu povo me construir uma casa em nome do Senhor e não permitir que nela entre qualquer coisa impura, de modo que não seja profanada, minha glória descansará sobre ela.”

DOCTRINA E CONVÊNIOS 97:15



FOTOGRAFIA DO TEMPLO DE ROMA ITÁLIA E DA ESTÁTUA CHRISTUS: CODY BELL

As bênçãos do trabalho de templo e história da família

Recebi muitas bênçãos em minha vida por participar do trabalho de templo e história da família e também testemunhei na vida de outras pessoas que nunca é tarde para receber essas bênçãos, tanto para familiares vivos como falecidos.

Na Conferência Geral de Abril de 2018, o élder Dale G. Renlund disse: “Quando Deus nos orienta a fazer algo, Ele costuma ter muitos propósitos em mente. O trabalho de templo e história da família não beneficia apenas os mortos, mas abençoa também os vivos”. Em seguida, o élder Renlund mencionou muitas bênçãos, inclusive de cura, que podem ser concedidas a nossa família ao participarmos do trabalho de templo e história da família (ver “Trabalho de templo e história da família: Selar e curar”, *Liahona*, maio de 2018, p. 46).

Nesta edição, vários membros da Igreja e eu compartilhamos como o Pai Celestial tem nos abençoado por meio do trabalho do templo (ver páginas 12, 14, 16, 30 e 46). Abordamos diferentes perguntas como, por exemplo: “Como posso me preparar para ir ao templo pela primeira vez?” “Como falar com meus amigos sobre o templo?” e, em meu artigo, “Como manter o templo perto de nós quando ele está fisicamente longe?”

Sejam quais forem os desafios, todos podemos receber bênçãos de cura em nossa vida se nos empenharmos, na medida do possível, para nos envolvermos no trabalho de templo e história da família. Por meio de nossos esforços pessoais, por menores que nos pareçam, todos podemos ajudar a promover o trabalho do Senhor ao redimir nossos mortos e fortalecer nossa família.

Atenciosamente,

Lisa Prebble
Estaca Devonport Austrália



“Quando usamos o nome completo da Igreja, somos abençoados e abençoamos os outros.”

— Presidente Henry B. Eyring, página 6

RECURSO

Revista oficial de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Outubro de 2021
Vol. 74 Nº 10
Liahona 17474

CAPA



Fotografia: Niko Serey



Fotografia: Kau'i Wihongi



Fotografia: Sayaka Okubo

SUMÁRIO

6 “Assim será a minha igreja chamada”

Presidente Henry B. Eyring

Descubra quais bênçãos podemos receber ao usarmos o nome completo da Igreja.

10 Princípios do evangelho

Trabalho do templo

12 O que o templo significa para mim

Lisa Prebble

Veja como o fato de ter uma recomendação válida para o templo pode aumentar seu compromisso com o evangelho.

14 Apresentar o templo a nossos amigos

Myriam Vega

Como convidei minhas amigas à visita pública do templo.

16 O templo abençoa a todos: Vivos e falecidos

Sibonelo Mncwabe

Estabeleci uma meta para realizar meu mais profundo desejo: Entrar no templo um dia.

18 Princípios para ministrar como o Salvador

Ministrar por meio da inclusão

20 Entender e incluir nossos irmãos e nossas irmãs LGBT

Ryan J. Wessel

Três maneiras de ajudarmos nossos irmãos e nossas irmãs LGBT a se sentirem mais acolhidos.

24 Retratos de fé

Eu tinha fé de que Deus nos ouviria

Chioma C. Duru

34 Envelhecer com fé

“Sabe o quanto sou grata?”

Sherri Heider Wright

36 Para os pais

Templos, o nome da Igreja e inclusão

38 Vozes da Igreja

Histórias de fé relatadas por membros da Igreja do mundo inteiro.

A Primeira Presidência: Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, Henry B. Eyring

O Quórum dos Doze Apóstolos: M. Russell Ballard, Jeffrey R. Holland, Dieter F. Uchtdorf, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson, Neil L. Andersen, Ronald A. Rasband, Gary E. Stevenson, Dale G. Renlund, Gerrit W. Gong e Ulisses Soares

Editor: Randy D. Funk

Consultores: Sharon Eubank, Walter F. González, Jan E. Newman, Michael T. Ringwood

Diretor administrativo: Richard I. Heaton

Diretor das revistas da Igreja: Aaron Johnston

Gerente comercial: Garff Cannon

Gerente editorial: Adam C. Olson

Gerentes editoriais assistentes: Brittany Beattie, Ryan Carr, C. Matthew Flitton, Mindy Selu

Assistente de publicações: Camila Castrillón

Redação e edição: Garrett H. Garff, Chakell Wardleigh Herbert, Michael R. Morris, Richard M. Romney, Margaret Willes

Estagiárias editoriais: Emily Abel, Aubrey Parry

Diretor de arte: Tadd R. Peterson

Diagramação: Fay P. Andrus, Joshua Dennis, David Green, Colleen Hinckley, Eric P. Johnsen, Susan Lofgren, Scott M. Mooy, Aleni Regehr

Coordenadora de propriedade intelectual: Priscila Biehl da Silva

Gerente de produção: Ammon Harris

Produção: Ira Glen Adair, Andrea Bird, Julie Burdett, José Chavez, Bryan W. Gygi, Marrissa M. Smith, Michelle Proctor

Pré-impressão: Joshua Dennis, Ammon Harris

Diretor de impressão: Steven T. Lewis

Diretor de distribuição: Nelson Gonzalez

Diretor geral: Alex Dantas

Produção gráfica: André Silveira

Editora-chefe: Patrícia Corrêa

Responsável pela tradução: Rafael Ferreira

Distribuição: Dante S. Parronchi

Endereço para correspondência:

Liahona, Fl. 23, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0023, USA.

Liahona, termo do Livro de Mórmon que significa “bússola” ou “guia”, é publicada em albanês, alemão, armênio, bislama,

VEM, E SEGUIE-ME

- 25** Mulheres da Restauração
Uma doutrina gloriosa
Spencer W. McBride
Acontecimentos marcantes da vida de Vilate Kimball.
- 26** Doutrina e Convênios 109–124
Artigos semanais que apoiam seu estudo de Doutrina e Convênios.
- 30** O Templo de Kirtland: Um lugar de santidade
Élder Jeremy R. Jaggi
A dedicação do Templo de Kirtland ilustra três grandes verdades sobre o templo.

JOVENS ADULTOS

- 42** Os convênios podem transformar nossos relacionamentos
Emily Abel
Como os convênios podem fortalecer o amor-próprio, o amor ao próximo e o amor a Deus.
- 46** As bênçãos de ser oficiante do templo
Robert Parry
Leia sobre como podemos nos aproximar mais do Salvador ao arranjarmos tempo para frequentar o templo.

48 Mais para você!

Veja que outros artigos em formato digital estão incluídos este mês para os jovens adultos.

ENCARTE DE PÁGINAS DA ÁREA

Encontre artigos relevantes para sua área da Igreja, inseridos quando disponíveis, nas páginas do meio da *Liahona*.

ARTIGOS APENAS EM FORMATO DIGITAL

Na edição deste mês, na Biblioteca do Evangelho, encontre artigos sobre os seguintes tópicos:

- Ensinar os filhos sobre o templo
- Milagres ao se usar o nome correto da Igreja

Acesse liahona.ChurchofJesusChrist.org ou o aplicativo Biblioteca do Evangelho para ler esses artigos e mais.

CONTINUE CONECTADO

Encontre edições da revista em **liahona.ChurchofJesusChrist.org**. Utilize o link daquela página para enviar perguntas, comentários ou experiências.

Além disso, você pode nos contatar pelo e-mail **liahona@ChurchofJesusChrist.org** ou pelo correio no seguinte endereço:

Liahona, floor 23
50 E. North Temple Street
Salt Lake City, UT
84150-0023, USA

búlgaro, cambiano, cebuano, chinês, chinês (simplificado), coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, filipino, finlandês, francês, grego, holandês, húngaro, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribatí, romeno, russo, samoano, suaili, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade varia de um idioma para outro.)

© 2021 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

Informação de direitos autorais: A menos que seja indicado o contrário, é permitido copiar o material da revista *Liahona* para uso pessoal, não comercial (inclusive para os chamados na Igreja).

Essa permissão pode ser revogada a qualquer momento. O material visual não poderá ser copiado se houver qualquer restrição indicada nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 E. North Temple St., FL 5, Salt Lake City, UT 84150, USA; e-mail: cor-intellectualproperty@ChurchofJesusChrist.org.

For Readers in the United States and Canada: October 2021 Vol. 74 No. 10. LIAHONA (USPS 311-480) English (ISSN 1080-9554) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0024, USA. USA subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$12.00 plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; old and new address must be included. Send USA and

Canadian subscriptions to Salt Lake Distribution Center at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit card orders (American Express, Discover, MasterCard, Visa) may be taken by phone or at store.ChurchofJesusChrist.org. (Canada Post Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send all UAA to CFS (see DMM 507.1.5.2). NONPOSTAL AND MILITARY FACILITIES: Send address changes to Distribution Services, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, UT 84126-0368, USA.



**Presidente
Henry B. Eyring**

Segundo
conselheiro
na Primeira
Presidência

“Assim será a minha igreja chamada”

*Quando usamos o nome completo da Igreja,
somos abençoados e abençoamos os outros.*

Na África, pessoas que estavam buscando uma igreja à qual se filiar relataram sonhos que tiveram. Em seus sonhos, foram instruídas a procurar uma igreja chamada pelo nome de Jesus Cristo. Ao procurarem, encontraram apenas uma igreja na qual o nome do Salvador era central — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Na América Latina, vários membros contaram, frustrados, que seus convites feitos a amigos para visitarem a “Igreja Mórmon” não eram bem recebidos. Isso mudou quando eles passaram a convidá-los para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. “Se sua igreja se chama a Igreja de Jesus Cristo”, responderam seus amigos, “gostaríamos de ir e ver”.

Nos Estados Unidos, um menino da Primária convidou seus vizinhos para seu batismo. Um ministro de outra denominação ressaltou que nunca teria ido a um batismo da “Igreja Mórmon”. Contudo, por ver que a igreja do menino era focada em Jesus Cristo, ele e sua esposa compareceram ao batismo.

Quando um agente de uma empresa aérea pediu a um membro da Igreja seu e-mail, a resposta foi: “LDSchurch.org”.

“Que igreja é essa?”, perguntou o agente.

“A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”, respondeu o membro.

“Às vezes, no trabalho passo dias sem conseguir falar do Senhor”, comentou o agente. “Saber que estou falando com outro cristão me faz ganhar o dia.”

O membro da Igreja rapidamente atualizou seu cadastro na empresa aérea com o novo endereço eletrônico da Igreja: ChurchofJesusChrist.org.¹

Uma promessa cumprida

Essas maravilhosas histórias representam o cumprimento de uma promessa feita pelo presidente Russell M. Nelson aos santos dos últimos dias em outubro de 2018 e, novamente, em abril de 2020.

“Prometo-lhes que, se dermos o melhor de nós para restaurarmos o nome correto da Igreja do Senhor, Ele, a quem esta Igreja pertence, derramará Seu poder e Suas bênçãos sobre os santos dos últimos dias de maneiras como jamais vimos”, afirmou o presidente Russell M. Nelson. “Teremos o conhecimento e o poder de Deus para nos ajudar a levar as bênçãos do evangelho restaurado de Jesus Cristo a toda nação, tribo,



língua e povo, ajudando a preparar o mundo para a Segunda Vinda do Senhor.”²

Recentemente, por meio das mídias sociais, convidei os membros da Igreja a me relatarem as bênçãos que têm recebido ao usarem o nome correto da Igreja. Fiquei tocado ao receber mais de 2.600 respostas.

Gostaria de compartilhar algumas delas com vocês. Vocês certamente vão se identificar por terem recebido bênçãos semelhantes ao seguirem o conselho do presidente Nelson.

Mais perto de Jesus Cristo

Fiquei emocionado com o testemunho de Jacob de como o nome completo da Igreja o ajudou a se concentrar no Salvador: “Notei que meu foco em Jesus Cristo passou a permear cada aspecto de minha vida”, compartilhou ele comigo. “Quando tomo o sacramento, penso Nele e em

Seu sacrifício expiatório. Quando leio as escrituras, presto mais atenção a Suas palavras e outras referências a Ele. Isso me aproximou mais Dele e me ajudou a compreender melhor Seu papel como meu Salvador e Redentor.”

Senti-me abençoado ao saber o que o nome do Salvador representa para Beth e Bryce: “Tenho sentido uma ligação mais íntima com meu Salvador”, contou Beth. “Quando me perguntam que igreja frequento e respondo que sou membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, tenho uma forte sensação de pertencimento. Pertencço a Seu povo. Pertencço à Sua família. Pertencço a Ele.”

Bryce me explicou como o uso do nome correto da Igreja o ajuda: “Assim recorro a quem sirvo e a quem busco ser mais semelhante. O nome correto da Igreja me faz lembrar de que o Salvador é Aquele que nos dá esses ensinamentos e que eles não são dos homens”.

“O nome do Salvador tem poder”

Haley, uma missionária de tempo integral, observou: “Usar o nome correto da Igreja do Senhor traz mais poder e autoridade quando ensinamos Seu evangelho restaurado às pessoas. Quando digo ‘A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias’, o Espírito do Senhor confirma e testifica que esta *é* a Igreja do Senhor restaurada sobre a Terra hoje. *Adoro* usar o nome correto porque estou acrescentando meu testemunho vivo a essa verdade!”

E Nicola me relatou: “Antes, se eu dissesse ‘mórmon’, geralmente havia aquele ar de incerteza naqueles que não são de nossa fé. Era quase possível ouvir as muitas memórias de tudo o que eles já tinham ouvido falar sobre ‘os mórmons’. Mas agora há paz e, quase sempre, aceitação. O nome do Salvador tem poder. Ele traz paz. Meu testemunho da veracidade do evangelho cresceu simplesmente por enunciar o nome correto da Igreja. Sinto o Espírito toda vez que o digo. Às vezes, é tudo o que consigo falar sobre nossas crenças, mas é o suficiente”.

Esclarecendo conceitos equivocados

Harold, um professor universitário dos Estados Unidos, disse que o uso do nome completo da Igreja o ajudou a esclarecer conceitos equivocados. Ele contou que um aluno, tentando resumir um debate sobre religião, afirmou: “Acho que todas as religiões são cristãs, exceto os mórmons”.

Ao enxergar um momento perfeito para esclarecer esse mal-entendido, Harold disse: “Expliquei aos alunos que ‘mórmon’ era um apelido dado aos membros da Igreja porque acreditamos que a Bíblia e o Livro de Mórmon são duas antigas testemunhas escriturísticas de Jesus Cristo”.





Mary abriu o coração ao compartilhar como o nome completo da Igreja a abençoou ao ensinar os filhos: “Meus filhos ficam menos confusos agora quando ensino que somos santos da Igreja de Jesus Cristo nestes últimos dias em vez de nos chamarmos de ‘mórmons’. Antes eles perguntavam perplexos: ‘Por que mórmons? Quer dizer que não somos cristãos?’ Sinto que essa mudança os ajudou a falar com colegas da escola que não são membros”.

“Sou missionária de Jesus Cristo”

O presidente Nelson prometeu que, ao usarmos o nome correto da Igreja, teremos “o conhecimento e o poder de Deus” para proclamar o evangelho.

Senti-me inspirado com a história de Teresa sobre o que aconteceu quando um amigo do trabalho lhe fez perguntas sobre a Igreja. Seguindo o conselho do presidente Nelson, Teresa começou enunciando o nome completo da Igreja.

“Ele ficou interessado na Igreja”, contou ela. “Ele pesquisou sobre ela por vários meses e, milagrosamente, foi batizado por meu filho, o bispo. Senti-me muito feliz naquele dia, e minha família também. As promessas são verdadeiras.”

Jordan ressaltou que muitas pessoas ainda não conhecem bem o nome da Igreja. “Ao usar o nome completo da Igreja”, disse, “tenho a oportunidade de explicar como a Igreja é centralizada em Jesus Cristo e por que nos chamamos santos dos últimos dias”.

Quando um homem perguntou a Chloe se ela era “missionária mórmon”, ela testificou de modo incisivo: “Não, sou missionária de Jesus Cristo”. Chloe disse que o homem expressou desejo de seguir o Salvador. Então, ela lhe ensinou que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é *conduzida* pelo Salvador. Depois, deu-lhe mais informações sobre a Igreja Dele.

“Chamareis a Igreja pelo Meu nome”

Ao revelar o nome de Sua Igreja ao profeta Joseph Smith, o Salvador declarou: “Pois assim será a minha igreja chamada nos últimos dias, sim, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias” (Doutrina e Convênios 115:4). Para os nefitas, Ele disse: “Chamareis a igreja pelo meu nome”, pois “como será a minha igreja, se não tiver o meu nome?” (3 Néfi 27:7, 8.)

Testifico com um membro da Igreja chamado Tommie que, quando usamos o nome completo da Igreja, somos abençoados e abençoamos os outros. Tommie disse: “Ao contar às pessoas as bênçãos de ser membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em uma época em que o medo e a discórdia prevalecem, percebo que as ajudo a saber que existe refúgio para a tempestade com os discípulos de Jesus Cristo, que se importam com elas e O seguem”. ■

NOTAS

1. Agradeço ao élder Gerrit W. Gong, do Quórum dos Doze Apóstolos, por compartilhar essas histórias comigo.
2. Russell M. Nelson, “O nome correto da Igreja”, *Liahona*, novembro de 2018, p. 89; ver também “Abrir os céus em busca de ajuda”, *Liahona*, maio de 2020, p. 72.

Trabalho do templo

Os templos são a casa do Senhor. Podemos receber ordenanças e fazer convênios com Ele nos templos. Também podemos realizar ordenanças no templo por nossos antepassados.



Ao longo da história, o Senhor ordenou a Seu povo que construísse templos. Os templos são lugares santos em que podemos sentir o amor de Deus, receber ordenanças e fazer promessas a Ele. A Igreja está construindo templos em todo o mundo para que cada vez mais pessoas tenham acesso a essas bênçãos.

A investidura

Os membros da Igreja que vivem dignamente vão ao templo para receber ordenanças e fazer convênios, ou promessas, com Deus. Uma das ordenanças que recebemos no templo é a investidura. A palavra *investidura* significa “dádiva”. A investidura do templo é uma dádiva de Deus. Nessa ordenança, aprendemos sobre o plano do Pai Celestial para nossa salvação e fazemos convênios de guardar os mandamentos de Deus. Se formos fiéis aos convênios assumidos, Deus nos abençoará.

Selar as famílias

Um casamento no templo também é chamado de selamento. Quando um casal se sela no templo e os cônjuges guardam seus convênios, permanecerão casados para sempre. Se tiverem filhos, esses filhos também estarão selados a eles. Pais que são selados após terem filhos podem selar os filhos a eles. Caso vivam dignamente, serão uma família por toda a eternidade.



Trabalho do templo para todos os filhos de Deus

Realizamos o trabalho de história da família para aprender sobre nossos antepassados. Em seguida, fazemos o trabalho do templo por eles. Realizamos por eles todas as ordenanças necessárias para os vivos: batismo, confirmação, ordenação ao sacerdócio (para homens), investidura e selamento. Então eles podem escolher se aceitam essas ordenanças. Desse modo, todos os filhos de Deus podem desfrutar das bênçãos do evangelho.

Bênçãos do trabalho no templo

Se guardarmos os convênios que fazemos no templo, seremos abençoados, protegidos e fortalecidos. Teremos o poder do sacerdócio conosco. Nossa família permanecerá unida para sempre.

O templo também é um local de paz e revelação. Ao realizarmos o trabalho do templo, podemos receber orientação espiritual e sentir o amor de Deus. ■

RELATO DAS ESCRITURAS

O povo do Senhor recebe o mandamento de construir templos (ver Doutrina e Convênios 124:39).

O trabalho realizado nos templos inclui o selamento de famílias (ver Doutrina e Convênios 138:47–48).

As ordenanças que realizamos na Terra são ligadas no céu (ver Mateus 16:19; Doutrina e Convênios 132:46).

Também nesta edição

Esperamos que tenha gostado de aprender sobre o trabalho do templo. Aqui estão outras palavras do evangelho desta edição:

Ministrar como o Salvador:

Atender às necessidades alheias como Cristo a fim de ajudar todos a se sentirem amados dentro da Igreja (ver página 18).



Diáconos: O primeiro ofício do Sacerdócio Aarônico. Um dos deveres mais visíveis de um diácono é distribuir o sacramento (ver página 38).



Revelação: A comunicação entre Deus e Seus filhos. Vem por meio do Espírito Santo, geralmente como um pensamento ou sentimento (ver página 30).



O que o templo significa para mim

Lisa Prebble

Ter uma recomendação válida para o templo me ajuda a manter o entusiasmo para viver o evangelho de Jesus Cristo.

Meu esposo e eu vivemos na Tasmânia, a ilha que fica ao sul da Austrália continental. Nosso templo “local” é o Templo de Melbourne Austrália, a cerca de 500 quilômetros de distância.

Tivemos o privilégio de passar alguns dias no Templo de Melbourne, em novembro de 2019. Mal sabíamos que seria nossa última viagem por um período considerável. Antes da pandemia, meu marido e eu frequentávamos o templo de uma a quatro vezes por ano. Para chegarmos lá, pegávamos um voo ou uma balsa. Em alguns anos, era financeiramente mais difícil. Então fazíamos a viagem com menos frequência. Em algumas dessas viagens, ficávamos apenas um dia; outras vezes, a estada era mais longa.



Templo de Melbourne Austrália



Sou oficiante do templo, por isso esses dias de frequência ao templo eram uma oportunidade preciosa para retomar contato com meu chamado, aprender mais sobre o plano do Pai Celestial, servir aos outros e vê-los sentir alegria e felicidade no templo.

Quando o templo e as divisas estaduais fecharam durante a pandemia da Covid-19, perguntei-me como poderia manter o templo como parte significativa de minha vida. Senti-me fortalecida ao sentir, por meio do Espírito Santo, que, apesar de o templo estar fechado, as bênçãos dos convênios que eu lá fizera ainda estavam a meu alcance. Senti uma proximidade maior com o Senhor, sobretudo quando focava no serviço ao próximo, seja minha própria família ou aqueles a quem ministro.

De tempos em tempos, examinava mentalmente os convênios que havia feito, os sentimentos que já havia tido no templo e o conhecimento que havia adquirido. Repassava em mente as palavras das ordenanças. Continuei a pesquisar minha história da família, inserir nomes e fontes no FamilySearch, e



O irmão e a irmã Prebble com os filhos e respectivos cônjuges no Templo de Sydney Austrália para o selamento da filha mais nova.

enviar esses nomes ao templo. Anseio por ver a lista de nomes compartilhados começar a ficar completa quando os templos reabrirem.

Há alguns anos, uma querida irmã de nossa ala me disse que, como uma sessão de investidura dura aproximadamente duas horas, ela havia decidido dedicar no mínimo duas horas por semana à história da família. Ela queria mostrar ao Senhor que estava comprometida com o trabalho do templo apesar de suas dificuldades para ir pessoalmente. Fiquei bastante emocionada com essa meta, por isso estabeleci a mesma para mim.

Um discurso proferido na Conferência Geral de Outubro de 2020 pelo élder Ronald A. Rasband, do Quórum dos Doze Apóstolos, fez-me lembrar dessa antiga meta. Ele disse: “Fazemos o trabalho do templo quando pesquisamos nossos antepassados e enviamos seus nomes para ordenanças. Apesar de nossos templos estarem fechados, ainda podemos fazer a pesquisa genealógica. Com o Espírito de Deus em nosso coração, estamos, de maneira vicária, colocando-nos no lugar deles para serem ‘recomendados ao Senhor’”.¹

O aniversário de 20 anos da dedicação do Templo de Melbourne ocorreu em 2020, trazendo consigo uma enxurrada de carinhosas lembranças das bênçãos que nossa família havia recebido ao frequentar esse e outros templos desde a dedicação no ano 2000. O templo tem sido um dos alicerces de força e testemunho de nossa família. Com nossos quatro filhos, frequentamos vários templos na Austrália continental para vê-los realizar batismos, receber a investidura e ser selados ao cônjuge.

Ter uma recomendação válida para o templo me ajuda a manter o entusiasmo para viver o evangelho de Jesus Cristo. As entrevistas para renovação da recomendação são momentos de reflexão. Elas me proporcionam oportunidades de expressar meu testemunho. Permitem-me fortalecer minha convicção para permanecer fiel à “multiplicidade de bênçãos” (Doutrina e Convênios 104:2) prometidas pelo Senhor que minha família e eu temos recebido e pelas quais temos sido fortalecidos.

Ter uma recomendação válida para o templo diz respeito a minha fé, meu compromisso com o evangelho de Jesus Cristo, minha alegria, esperança, gratidão, obediência e meu amor por meu Salvador Jesus Cristo e meu Pai Celestial. ■

A autora mora na Tasmânia, Austrália.

NOTA

1. Ronald A. Rasband, “Recomendados ao Senhor”, *Liahona*, novembro de 2020, p. 25.

Apresentar o templo a nossos amigos

Myriam Vega

Senti grande alegria quando duas de minhas amigas foram comigo à visita pública do templo.

Quando o Templo de Montreal Quebec foi rededicado após grandes reformas em 2015, nossos líderes locais organizaram visitas públicas. Foi o momento perfeito para convidar amigos para vir e ver o templo.

Imediatamente, pensei em duas boas amigas da faculdade que já haviam me perguntado sobre a Igreja e minhas crenças. No passado, ambas concordaram em participar de uma reunião sacramental no período natalino. Também as convidara para meu casamento dois anos antes. Naquela ocasião, eu lhes explicara por que poderiam participar da recepção, mas não da cerimônia de selamento no templo.¹

Ainda assim, apesar de ter conversado com elas sobre a Igreja anteriormente, hesitei em convidá-las. Senti medo do constrangimento causado por uma possível recusa. Por fim, tomei coragem e lhes perguntei por telefone: “Gostariam de conhecer o lugar onde me casei? O templo está aberto ao público para visitas guiadas. Caso se interessem, poderíamos ir juntas”.

A resposta, nos dois casos, foi um imediato: “Sim! Eu gostaria”.

Uma de minhas amigas veio com os dois filhos e a outra veio com o esposo. Foi uma experiência inesquecível para mim. Senti grande alegria por poder compartilhar meu amor pelo templo com elas.

Em seu discurso na Conferência Geral de Outubro de 2020, “Recomendados ao Senhor”, o élder Ronald A. Rasband, do Quórum dos Doze Apóstolos, lembrou-nos: “Do lado de fora de todos os templos da Igreja, vemos escritas estas palavras: ‘Santidade ao Senhor’. O templo é a casa do Senhor e um santuário protegido do mundo. Seu Espírito envolve aqueles que adoram ao Senhor dentro daquele espaço sagrado. Ele define o padrão que seguimos como Seus convidados”.²

O templo serve como refúgio dos males do mundo. Quando me lembro disso, compreendo por que aqueles que entram nele devem viver em harmonia com os



Templo de Montreal Quebec



A irmã e o irmão Vega em frente ao templo, no dia de seu selamento.

ensinamentos do Senhor conforme encontrados em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Na verdade, todos são convidados a experimentar a alegria de fazer convênios sagrados com Deus. Mas, para tal, devemos cumprir os critérios que Ele estabeleceu para a obtenção de uma recomendação. Cabe a cada um de nós decidir se seguirá Suas leis.

Quando explicarmos a nossos amigos a diferença entre um templo e uma capela, podemos simplesmente lhes dizer que:

1. O templo é a casa de Deus. É um lugar de paz em que membros fiéis de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias podem fazer promessas sagradas a Deus de que viverão em harmonia com Seus mandamentos. É um lugar em que aprendemos mais sobre nosso propósito na vida e no qual as famílias podem ser seladas para a eternidade. No templo, podemos realizar ordenanças do evangelho, como o batismo, por nossos antepassados que não tiveram a chance de recebê-las enquanto estavam vivos.
2. As capelas são lugares acolhedores em que os membros se reúnem aos domingos para aprender sobre o Pai Celestial e Jesus Cristo, bem como tomar o sacramento. Nos dias de semana, usamos as capelas para atividades sociais ou esportivas. Visitantes são sempre bem-vindos nelas, tanto no domingo como durante a semana.

O simples fato de prestar testemunho a nossos amigos sobre o que o templo significa para nós pode ajudá-los a sentir o Espírito. Isso testificará a eles da santidade desse lugar.

Tenho grande respeito e gratidão pelo templo. Quando lá estou, alcanço uma perspectiva maior da minha vida. Posso esquecer momentaneamente os desafios que enfrento e ter uma ideia clara do que deveria constituir minhas prioridades diárias. Sinto-me mais próxima de Deus e Jesus Cristo, mas também de minha família, tanto a atual como a do passado.

Minhas visitas ao templo preferidas são aquelas com meu esposo. Nosso amor se fortalece ao recordarmos os convênios que fizemos com nosso Pai Celestial e um com o outro ao sermos selados para o tempo e toda a eternidade. ■

A autora mora no Quebec, Canadá.

NOTAS

1. Para respostas a essa e outras perguntas similares, acesse www.churchofjesuschrist.org/temples?lang=por e veja Shanna Butler, “Como falar sobre o templo”, *A Liahona*, janeiro de 2006, p. 40.
2. Ronald A. Rasband, “Recomendados ao Senhor”, *Liahona*, novembro de 2020, p. 23.

O templo abençoa a todos: Vivos e falecidos

Sibonelo Mncwabe

Em 2018, fiz a meta de receber uma recomendação para o templo. Um ano depois, minha noiva e eu fomos selados no templo para toda a eternidade.

Quando meu ramo anunciava as datas de caravana ao templo, eu participava. Apesar de ainda não poder entrar, eu geralmente caminhava pelos jardins do templo. Orava ao Pai Celestial expressando meu profundo desejo de entrar no templo um dia. Algumas dessas visitas duravam apenas dez minutos, mas causavam um impacto profundo em meu espírito.

Em uma noite particularmente fria e chuvosa, cheguei atrasado ao templo. Embora estivesse fechado, os seguranças do templo me permitiram ficar alguns minutos nos jardins. Tinha comigo uma cópia da oração dedicatória do templo. Fui inspirado a lê-la.

Fiquei emocionado ao ler as seguintes palavras: “Concede paz ao Teu povo pelo poder de Teu Espírito quando aqui vierem com o coração sobrecarregado em busca de

orientação para suas dificuldades. Consola-os e os sustenta quando vierem tempos de pesar. Dá-lhes coragem, orientação e fé quando se reunirem, proporcionando-lhes refúgio contra as turbulências do mundo. Reafirma a eles Tua realidade e divindade, bem como a realidade e divindade de Teu Filho ressuscitado”.¹

Soube, então, que minhas visitas aos jardins do templo significavam alguma coisa para o Senhor apesar de eu não estar lá dentro.

Minha meta de frequentar

Meu desejo de frequentar o templo começou em uma manhã de dezembro de 2018. Estava sentado na cama lendo um discurso da Conferência Geral de Abril de 1999 proferido pelo élder Richard G. Scott (1928–2015), do Quórum dos Doze Apóstolos. Ele falou sobre a importância de sermos dignos de entrar no templo. Afirmou que o templo “é um lugar de paz, isolamento e inspiração. Caso o frequente sempre, sua vida passará a ter mais propósito”. Em seguida, fez esta declaração contundente: “Vá ao templo. Você sabe que isso é o que deve fazer. Faça-o agora”.²

Marquei essa passagem, olhei o calendário de 2019 da minha estaca e percebi que as caravanas do meu ramo ao Templo de Joanesburgo África do Sul estavam agendadas para toda segunda sexta-feira do mês. Tracei



Templo de Joanesburgo África do Sul



A irmã e o irmão Mncwabe (centro) no dia de seu selamento, com familiares.

a meta de ir aos jardins do templo pelo menos uma vez ao mês, com meu ramo ou sozinho, embora ainda não tivesse recomendação.

Digno de entrar

No início do mês de janeiro, conversei com meu presidente de ramo para receber uma recomendação e, por fim, entrar no templo. Estava ansioso para alcançar essa meta.

Em agosto, obtive uma recomendação de uso limitado e consegui ir ao batistério com os jovens do ramo. Fui batizado em favor de dois tios e de meu avô materno. Comecei a assistir às aulas de preparação para o templo a fim de receber a investidura. Até aquele momento, continuei visitando o templo e participando dos batismos.

Finalmente, em 2 de novembro de 2019, entrei no templo com minha noiva e nos tornamos marido e mulher, selados para o tempo e a eternidade. Nem tenho palavras para expressar o espírito que reinou nessa grandiosa ocasião. Minha esposa e eu continuamos a frequentar o templo. Tivemos

muitas experiências preciosas e sagradas até o fechamento total dos templos em razão da Covid-19.

O templo é para todos

A irmã de minha mãe não é membro da Igreja, mas havia ido ao templo para nosso selamento. Posteriormente, contou uma experiência que teve depois de visitar os jardins do templo. Ela sonhou que estava novamente no templo para nosso selamento, mas, desta vez, todos os meus familiares (inclusive aqueles por quem eu havia realizado o batismo) estavam conosco. “Sua mãe também estava lá”, relatou ela, “mas dizia continuamente: ‘Não estou vendo meu filho. Por que não o vejo?’”

Caí em prantos ao ouvir isso, pois sabia a razão de minha mãe não poder me ver. Ela havia falecido em 2002 e eu vinha procrastinando a realização de suas ordenanças no templo. Resolvi cuidar disso o quanto antes. Pouco tempo depois, tive o privilégio de realizar seu batismo e dizer seu nome completo ao batizar a jovem que agia como procuradora de minha mãe.

Tenho um forte testemunho de que o templo é a casa do Senhor. Podemos acessar Seu poder quando estamos lá. Também sei que o templo oferece bênçãos a todos os filhos de Deus, vivos ou falecidos. ■

O autor mora em Gauteng, África do Sul.

NOTAS

1. Gordon B. Hinckley, oração dedicatória do Templo de Joanesburgo África do Sul, 24 de agosto de 1985, ChurchofJesusChrist.org.
2. Richard G. Scott, “Receber as bênçãos do templo”, *A Liahona*, julho de 1999, p. 30.

Para aprender mais sobre a preparação a fim de frequentar o templo, acesse www.churchofjesuschrist.org/temples?lang=por.

Ministrar por meio da inclusão

Não é incomum estarmos em um grupo, mas sentirmos que não pertencemos a ele. Quando isso acontece na Igreja, pode ser particularmente difícil para os mais fragilizados.

O presidente Gordon B. Hinckley (1910–2008) ensinou que todos os que se filiam à Igreja precisam de um amigo.¹ Os ministradores e as ministradoras têm a oportunidade de garantir que todo membro saiba que tem um amigo na ala ou no ramo.

Isso é ainda mais importante para alguém que sente que não se “encaixa”. Nessa situação, podem estar os membros novos, recém-chegados, solteiros, sem filhos, jovens, velhos, menos ativos, tímidos ou que passam por algum tipo de dificuldade. Podem ser aqueles que têm uma aparência ou um modo de falar, pensar, vestir-se ou agir que diferem dos demais do grupo. Em outras palavras, qualquer um de nós pode, às vezes, sentir-se excluído.

Alissia, uma mulher que tinha dificuldades para se integrar em razão de sua raça, diz: “Ser diferente pode ser difícil, e não é fácil descrever isso para alguém que nunca passou por algo parecido”. Contudo, ela conta: “Senti-me prestigiada e incluída por atos simples de gentileza e atenção. Sinto-me incluída quando as pessoas se esforçam para ter uma conversa real comigo, dedicam tempo para mim ou me convidam a participar da vida delas. É ótimo quando as pessoas *demonstram* que *querem* estar por perto”.²

Ideias para criar um sentimento de inclusão

O que as ministradoras e os ministradores podem fazer para ajudar a incluir as pessoas?

1. **Ouvi-las.** Sentimo-nos incluídos quando sabemos que somos ouvidos e vistos como realmente somos mesmo com nossas imperfeições. Não precisamos resolver

os problemas de alguém — na verdade, quase sempre isso nem sequer é possível. Mas podemos ouvir com compaixão e curiosidade, refletindo sobre o que ouvimos para nos certificar de que compreendemos, e perguntar o que mais a pessoa tem em mente. Devemos desenvolver essas habilidades de escuta e empatia, e ser um exemplo delas para os outros.

2. **Orar por elas.** Podemos nos sentir inspirados a orar por elas. Também podemos ser inspirados a perguntar se podemos orar *com* elas ou o que podemos pedir ao orar em seu benefício.
3. **Convidar, apresentar e incluir.** Convide-as para atividades da ala, projetos de serviço, eventos sociais ou atividades informais em grupo. Leve-as com você se possível, apresente-as a outras pessoas e as inclua nas conversas ao fazer perguntas que as façam participar. Ajude aqueles que se mudaram





recentemente a conhecer outras pessoas novas, já que elas também podem estar em busca de amigos.

4. **Avaliar.** Pergunte-lhes diretamente o quanto se sentem integradas na ala. Quem são seus amigos? Quem poderia ser? Pergunte sobre seus interesses, passatempos, filhos e suas preocupações para que assim você esteja alerta às oportunidades de pô-las em contato com outras pessoas que tenham algo em comum ou que precisem de suas habilidades.
5. **Destacar as qualidades.** Sentimo-nos incluídos quando sabemos que temos algo a oferecer. Destaque coisas que você percebeu que elas fazem bem. Pergunte a alguém que as conhece bem quais seriam as qualidades delas. Se não souberem, convide-as a perguntar. Busque oportunidades para que elas usem seus pontos fortes a fim de fortalecer outras pessoas.
6. **Aconselhar-se com os líderes.** Se for o caso, indique aos líderes quais são as qualidades e necessidades dessas pessoas para que eles tenham as informações necessárias ao buscar inspiração para designações e chamados significativos.
7. **Capacitá-las.** Ajude-as a valorizar as próprias habilidades ao fazer perguntas como: Quando você precisou de novos amigos no passado, o que fez? Se você quisesse fortalecer sua amizade com alguém, o que faria? O que você já tentou fazer, até agora, para criar vínculos com outras pessoas? O que mais você poderia tentar? ■

NOTAS

1. Ver Gordon B. Hinckley, “Conversos e rapazes”, *A Liahona*, julho de 1997, p. 53.
2. Alissia H., “Juntos somos melhores” (artigo apenas em formato digital), *Liahona*, setembro de 2021.

RECURSOS ADICIONAIS

Saiba mais lendo:

- “Nove maneiras de fazer uma poderosa diferença” (artigo apenas em formato digital), *Liahona*, outubro de 2021 (encontrado na Biblioteca do Evangelho on-line ou no aplicativo).
- “Incluir a todos”, *Liahona*, janeiro de 2021, p. 32.
- “Podemos fazer melhor: Acolher as pessoas no aprisco”, *Liahona*, setembro de 2017, p. 22.



Entender e incluir *nossos irmãos e nossas irmãs* LGBT

Todos podemos ajudar a criar alas e comunidades mais unidas.

Ryan J. Wessel

Nos primeiros meses após ser chamado bispo, fui surpreendido quando três casais de pais da ala vieram falar comigo, em particular, para me informar que tinham um filho que se identificava como gay ou transgênero. Em cada caso, os pais expressaram amor sincero pelos filhos, bem como vários níveis de preocupação com a inclusão deles na comunidade da ala.

Com o passar do tempo, outras famílias também me fizeram confidências parecidas, e percebi que, apesar de não ser versado no assunto, como bispo eu tinha o privilégio de ajudar *todos* os membros da ala a construir uma comunidade mais unida, independentemente da situação de cada um.

Rapidamente percebi que, para ter êxito como bispo, eu precisava estar disposto a tentar entender as experiências dos membros que se identificavam como LGBT, bem como as de seus familiares. Assim, por meio de conversas abertas e sinceras, tentativa e erro, muito estudo e auxílio do Senhor para compreender, aprendi muito sobre como proporcionar maior apoio aos membros nessas circunstâncias à medida que eles se esforçavam a vir a Cristo.

Meus olhos se abriram para a necessidade de união e compreensão, e aprendi algumas lições que me ajudaram, como bispo, a criar um ambiente mais inclusivo para todos os nossos irmãos e irmãs LGBT. Espero que, ao lerem o que aprendi, líderes e outras pessoas encontrem algumas ideias úteis para sua própria realidade.



Lição 1: Seguir os apóstolos vivos

Não demorei a descobrir o valor de se inteirar dos ensinamentos apostólicos mais recentes sobre o assunto.

Uma maravilhosa verdade de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é que somos guiados por apóstolos e profetas *vivos* (ver Doutrina e Convênios 1:30). E, para mim, a palavra *vivo* significa que temos orientação *em* nossa época sobre como o evangelho se aplica às *necessidades* de nossa época. Portanto, se atentarmos apenas para a linguagem do passado, talvez deixemos passar as belas e importantes orientações que o Senhor está nos proporcionando por meio de nossos profetas atuais.

Uma fonte que me ajudou a estudar ensinamentos apostólicos recentes foi a seção “Ajuda para a vida”, especialmente as páginas intituladas “Atração por pessoas do mesmo sexo” e “Transgênero”. Algumas declarações que me chamaram particularmente a atenção incluem:

- O élder D. Todd Christofferson, do Quórum dos Doze Apóstolos, afirmou: “A diversidade que encontramos hoje na Igreja é apenas o começo. Creio que veremos cada vez mais diversidade. (...) O fato de que as

pessoas trarão dons e perspectivas diferentes, e uma enorme gama de experiências e desafios enfrentados pelas pessoas, vai nos mostrar o que realmente é essencial no evangelho de Cristo. E muito do que sobra, que talvez tenha sido adquirido com o tempo e é mais cultural do que doutrinário, deve desaparecer para aprendermos realmente a ser discípulos”.¹

- O élder Quentin L. Cook, do Quórum dos Doze Apóstolos, reforçou o convite para que “sejamos os primeiros a usar termos que expressem amor, compaixão e cordialidade. Que nossa família não exclua nem desrespeite os que escolheram um estilo de vida diferente devido a sentimentos que têm em relação a pessoas do mesmo sexo”.²

Para incentivar minha ala a estudar os ensinamentos apostólicos mais recentes sobre esse assunto, dedicamos uma aula em conjunto, que acontece no quinto domingo, para discutir sobre como poderíamos seguir melhor as orientações. Aquela aula se tornou uma experiência profundamente útil, tocante e edificante.

Encontre mais recursos na seção “Ajuda para a vida”, em ChurchofJesusChrist.org.



“Quando (...) tivermos aberto o coração para outras pessoas, vamos ver que todos fazemos parte da família de Deus.”

— *Presidente Jean B. Bingham*

Lição 2: Escolher a fé em vez do medo

Tendemos a temer o desconhecido. Por ser um bispo recém-chamado, era intimidador oferecer ajuda a um membro que se identificava como gay e precisava de auxílio espiritual. Era desafiador conduzir debates sobre esse assunto e aconselhar os pais dos jovens que estavam passando por dificuldades relacionadas à sua identidade.

Um turbilhão de pensamentos ansiosos me vinha à mente:

“E se eu disser algo de errado?”

“E se eu passar a imagem de alguém demasiado conservador ou demasiado radical?”

“Será que sei o suficiente para ser útil?”

Certo dia, ao meditar sobre meus receios, minha mente foi levada a estudar escrituras que falavam sobre o medo. Senti paz quando li que “o perfeito amor lança fora todo o medo” (Morôni 8:16) e que “não há temor no amor, antes o perfeito amor lança fora o temor” (1 João 4:18).

Essas verdades me fizeram lembrar que, se agisse com amor sincero, eu poderia ter a certeza de receber orientação e ajuda do Senhor.

Posso testificar que, quando estava disposto e fui humilde o suficiente para seguir as inspirações do Espírito Santo, mesmo quando me sentia inadequado em situações desconhecidas, vivenciei a promessa de que Deus fará com que “as coisas fracas se tornem fortes” (Éter 12:27).

Lição 3: Usar práticas simples — Para líderes

Ao buscar orientação em fontes fidedignas a respeito desse assunto, descobri algumas dicas práticas que tiveram uma influência positiva em meu sucesso, como bispo, para construir uma comunidade inclusiva. Ao confiar no Espírito, você pode adaptar algumas das seguintes sugestões para atender às necessidades específicas de sua ala:

- Busque pessoas conhecedoras das questões LGBT para ajudá-lo a aprender e entender seus pontos de vista. Isso pode incluir o presidente da estaca, seu conselho da ala, outros bispos em sua área, amigos confiáveis e membros da ala que se identificam como LGBT e seus familiares. A página “Atração por pessoas do mesmo sexo” da Igreja na internet (churchofJesusChrist.org/study/life-help/same-sex-attraction?lang=por) também pode fornecer orientação. Há muita ajuda à nossa disposição e nenhum de nós está sozinho para cumprir nossos chamados.
- Humildemente preste testemunho e não tenha medo de perguntar sobre coisas que você não compreende plenamente. Oferecemos apoio até mesmo ao nos dispormos a ouvir e aprender.

- Não tenha medo de se desculpar caso diga ou faça algo ofensivo mesmo se não foi intencional. A franqueza recíproca gera confiança.
- Se um amigo ou membro da ala fizer comentários ofensivos ou desnecessários sobre pessoas LGBT, pense na melhor maneira de reagir. Na maioria das vezes, esses comentários são fruto do desconhecimento e não têm a intenção de ser desrespeitosos. Pode ser útil orientar em particular.
- Esteja atento para que sua linguagem direcionada a *todos* os filhos de Deus esteja em harmonia com seus convênios e seu chamado, seja qual for o interlocutor.
- Quando os membros da ala relatarem experiências, guarde total sigilo. Não repasse informações pessoais sem a permissão deles.
- Lembre-se de que o que uma pessoa sente e como ela escolhe dar vazão a esses sentimentos são coisas distintas. Um artigo dos Tópicos do Evangelho explica: “A Igreja diferencia a atração por pessoas do mesmo sexo do comportamento homossexual. Aqueles que sentem atração por pessoas do mesmo sexo ou que se identificam como gays, lésbicas ou bissexuais podem fazer e manter convênios com Deus e ser dignos de participar plenamente da Igreja. Identificar-se como gay, lésbica ou bissexual, ou sentir atração por pessoas do mesmo sexo não é pecado e não impede uma pessoa de participar da Igreja, de ter chamados nem de frequentar o templo”.³
- Tenha cuidado para não limitar as oportunidades dos membros de contribuir caso se identifiquem como gays ou transgêneros. Todos os membros de sua ala possuem experiências e pontos de vista únicos que podem ser benéficos para os demais. O élder Christofferson também ensinou: “Alguém que siga (...) os padrões, os ensinamentos do

evangelho de Cristo, embora possa estar enfrentando atração por pessoas do mesmo sexo — não há motivo para que não participe. Essas pessoas podem ser membros integrais da Igreja, podem receber chamados, falar [na Igreja] e entrar e servir no templo. E todas as outras oportunidades e bênçãos que advêm da filiação à Igreja estarão disponíveis para elas”.⁴

Continuar a aprender e amar

Desde que fui chamado bispo, acredito firmemente que todos os nossos irmãos e irmãs têm uma contribuição bela e única a dar para o evangelho de Jesus Cristo, para nossa comunidade e para a vida de cada de um nós. E, independentemente de nosso papel na ala, é uma responsabilidade abençoada e um privilégio construir uma comunidade mais unida ao nos empenharmos mais para amar, compreender e apoiar cada um de nossos irmãos e irmãs espirituais.

Como a presidente Jean B. Bingham, presidente geral da Sociedade de Socorro, testificou: “Quando mantemos a mente e o coração [abertos, descobrimos] muitas coisas maravilhosas sobre as pessoas que talvez jamais esperássemos descobrir. E, quando tivermos experimentado, tivermos visto, tivermos aberto o coração para outras pessoas, vamos ver que todos fazemos parte da família de Deus”.⁵ ■

O autor mora em Utah, EUA.

NOTAS

1. D. Todd Christofferson, em “Atração por pessoas do mesmo sexo”, Ajuda para a vida, ChurchofJesusChrist.org.
2. Quentin L. Cook, em “Atração por pessoas do mesmo sexo”, Ajuda para a vida, ChurchofJesusChrist.org.
3. Tópicos do Evangelho, “Atração por pessoas do mesmo sexo”, <https://www.churchofjesuschrist.org/study/manual/gospel-topics/same-sex-attraction?lang=por>; ver também *Manual Geral: Servir em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, item 38.6.15, ChurchofJesusChrist.org.
4. D. Todd Christofferson, em “Atração por pessoas do mesmo sexo”, Ajuda para a vida, ChurchofJesusChrist.org.
5. Jean B. Bingham, em “Atração por pessoas do mesmo sexo”, Ajuda para a vida, ChurchofJesusChrist.org.





Eu tinha fé de que Deus nos ouviria

Chioma C. Duru

Por estarmos nos chamando de “mórmons” e “SUD”, as pessoas não reconheciam o nome completo da Igreja. Resolvi orar para que nós membros da Igreja reconhecêssemos nosso erro.

Ao pensar sobre isso, lembrei-me do profeta. “Apenas o profeta pode abordar essa questão”, comentei com minha companheira. “Ele é o único que pode corrigir isso em nível mundial.” Eu tinha fé em que Deus responderia às nossas orações.

Para ler mais sobre a história de Chioma, acesse esta edição na Biblioteca do Evangelho ou use o QR code:

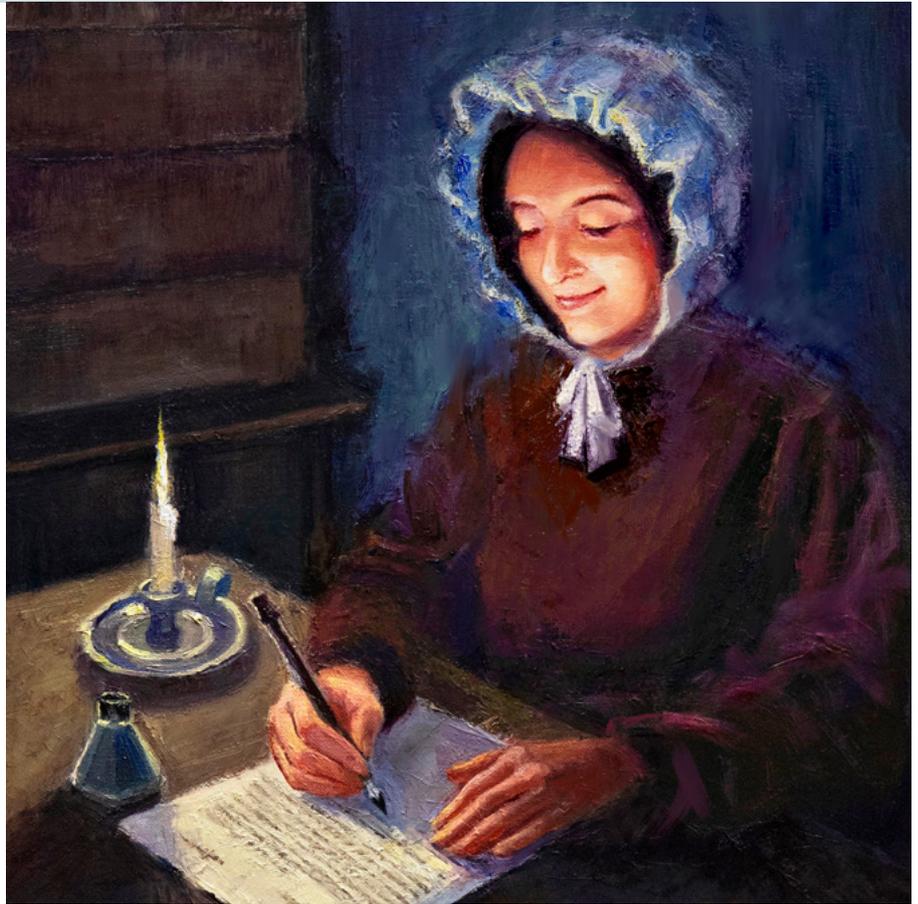


Uma doutrina gloriosa

Spencer W. McBride

Departamento de História da Igreja

Que todos sintamos a mesma empolgação vivenciada por Vilate Kimball ao saber que poderia ser batizada por seus ancestrais.



Em outubro de 1840, Vilate Kimball, com 34 anos de idade, escreveu uma carta para seu esposo, élder Heber C. Kimball, do Quórum dos Doze Apóstolos. “O presidente [Joseph] Smith apresentou um novo e glorioso assunto (...) que tem dado um novo ímpeto à Igreja”, escreveu Vilate para Heber, que estava servindo sua segunda missão na Grã-Bretanha. O assunto do ensinamento de Joseph Smith nessa ocasião era o batismo por aqueles que não tiveram a oportunidade de ser batizados em vida.

“Joseph recebeu uma explicação mais completa sobre o assunto por meio de revelação”, relatou ela. “Os membros desta Igreja têm o privilégio de ser batizados por seus parentes que tenham falecido antes de este evangelho vir à luz.” Vilate

comemorou o recebimento da revelação, pois, ao realizar esses batismos por procuração em favor de familiares falecidos, “agimos como agentes por eles e lhes damos o privilégio de ressurgir na manhã da Primeira Ressurreição”.

A família Kimball havia se mudado de Nova York para estar com os santos em Kirtland, Ohio, e depois eles se mudaram para Far West, Missouri. Apenas um ano depois, em 1839, eles precisaram fugir do Missouri com outros milhares de santos dos últimos dias para escapar da perseguição nas mãos de turbas violentas. Estabeleceram seu lar em Nauvoo, a centenas de quilômetros de onde sua jornada havia começado.

Apesar de sua chegada a Nauvoo ter acontecido em circunstâncias

difíceis, a carta de Vilate para seu esposo em outubro de 1840 estava repleta de empolgação. “Quero ser batizada por minha mãe”, exclamou. “Pensei em esperar até você voltar, mas, da última vez que Joseph falou sobre o assunto, aconselhou todos a se apressarem para libertar seus amigos do cativo o mais rápido possível. (...) Assim, vemos que todos terão uma chance. Não é uma doutrina gloriosa?”

Vilate foi uma das primeiras mulheres a ser batizada pelos mortos em Nauvoo. ■

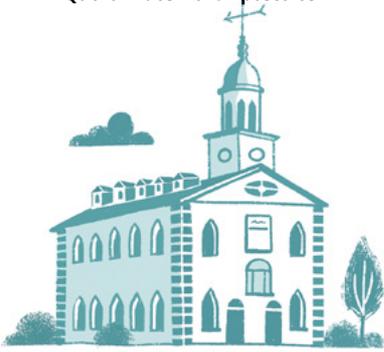
As citações são da carta de Vilate Kimball a Heber C. Kimball, 11 de outubro de 1840, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City; ortografia e pontuação modernizadas.



Por que Moisés, Elias e Elias, o Profeta, apareceram no Templo de Kirtland?

“**A**o nos prepararmos para o encontro com Deus, podemos saber quais são nossas responsabilidades divinamente atribuídas analisando as sagradas chaves restauradas no Templo de Kirtland.”¹

— Élder Quentin L. Cook, do Quórum dos Doze Apóstolos



O que são as chaves do sacerdócio?

As chaves do sacerdócio são a autoridade que Deus concedeu aos líderes do sacerdócio para dirigir e governar o uso de Seu sacerdócio na Terra.²



MOISÉS

Libertou os israelitas do cativo no Egito



ELIAS

“Aparentemente viveu nos dias de Abraão”⁵



ELIAS, O PROFETA

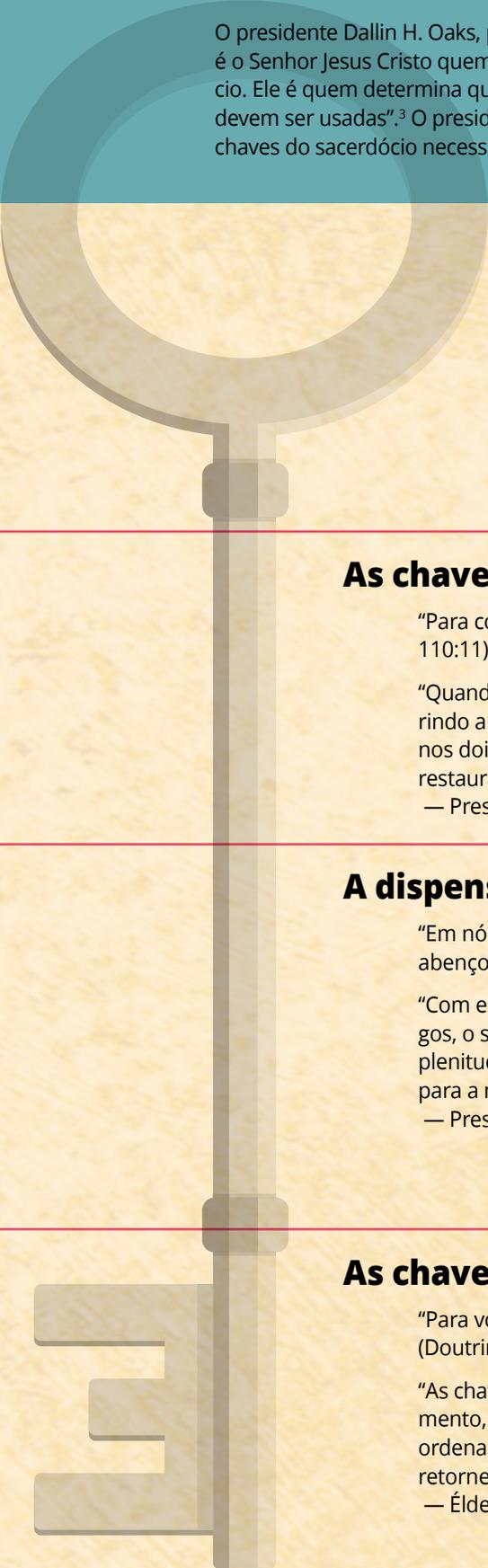
Foi um profeta no Reino do Norte de Israel, por volta de 900 a.C.

NOTAS

1. Quentin L. Cook, “Preparar-se para o encontro com Deus”, *Liahona*, maio de 2018, p. 114.
2. Ver *Manual Geral: Servir em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, item 3.4.1, ChurchofJesusChrist.org.
3. Dallin H. Oaks, “As chaves e a autoridade do sacerdócio”, *A Liahona*, maio de 2014, p. 50.
4. Russell M. Nelson, “Juventude da promessa”, devocional mundial para os jovens, 3 de junho de 2018, HopeofIsrael.ChurchofJesusChrist.org.
5. Guia para Estudo das Escrituras, “Elias”, scriptures.ChurchofJesusChrist.org.
6. Russell M. Nelson, “Convênios”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 87.
7. Gary E. Stevenson, “Onde estão as chaves e a autoridade do sacerdócio?”, *A Liahona*, maio de 2016, p. 31.

DEBATE

Que bênçãos você recebeu por causa do sacerdócio? O que você pode fazer para participar desta obra “divinamente atribuída”?



O presidente Dallin H. Oaks, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, ensinou: “No final, é o Senhor Jesus Cristo quem possui todas as chaves do sacerdócio, porque Dele é o sacerdócio. Ele é quem determina quais chaves são delegadas aos seres mortais e como essas chaves devem ser usadas”.³ O presidente da Igreja tem a autoridade do Senhor para exercer todas as chaves do sacerdócio necessárias para o funcionamento da Igreja (Doutrina e Convênios 132:7).

Chaves e autoridade do sacerdócio

Em 3 de abril de 1836, o Senhor enviou os portadores do sacerdócio do Velho Testamento — Moisés, Elias e Elias, o Profeta — a Joseph Smith e Oliver Cowdery para lhes conferir o seguinte:

As chaves da coligação de Israel

“Para coligar Israel das quatro partes da Terra” (Doutrina e Convênios 110:11)

“Quando falamos sobre coligação, estamos simplesmente nos referindo a esta verdade fundamental: todos os filhos do Pai Celestial, nos dois lados do véu, merecem ouvir a mensagem do evangelho restaurado de Jesus Cristo.”⁴

— Presidente Russell M. Nelson

A dispensação do evangelho de Abraão

“Em nós e em nossa semente todas as gerações depois de nós seriam abençoadas” (Doutrina e Convênios 110:12)

“Com essa renovação [do convênio abraâmico], recebemos, como os antigos, o santo sacerdócio e o evangelho eterno. Temos o direito de receber a plenitude do evangelho, desfrutar as bênçãos do sacerdócio e qualificar-nos para a mais grandiosa das bênçãos de Deus: a vida eterna.”⁶

— Presidente Russell M. Nelson

As chaves do poder selador

“Para voltar o coração dos pais para os filhos e os filhos para os pais” (Doutrina e Convênios 110:15)

“As chaves seladoras restauradas pelo Profeta Elias, do Velho Testamento, permitem a realização de ordenanças nos templos sagrados. As ordenanças feitas nesses templos permitem que indivíduos e famílias retornem à presença dos nossos pais celestiais.”⁷

— Élder Gary E. Stevenson, do Quórum dos Doze Apóstolos



Como podemos invocar os poderes do céu?

Em Doutrina e Convênios 121:36, aprendemos que “os poderes do céu não podem ser controlados nem exercidos a não ser de acordo com os princípios da retidão”. Os versículos 40 e 41 trazem alguns exemplos de princípios de retidão. Aprender a viver por esses princípios nos ajudará a invocar os poderes do céu em todos os aspectos de nossa vida.

INVOCAR O PODER DO SALVADOR EM NOSSA VIDA

“Quando o Salvador perceber que verdadeiramente desejamos nos achegar a Ele — quando Ele sentir que o maior desejo de nosso coração é invocar Seu poder em nossa vida —, seremos guiados pelo Espírito Santo para saber exatamente o que devemos fazer.”

Presidente Russell M. Nelson, presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, “Invocando o poder de Jesus Cristo em nossa vida”, *A Liahona*, maio de 2017, p. 42.

NOTAS

1. Ver David A. Bednar, “Ser manso e humilde de coração”, *Liahona*, maio de 2018, p. 30.
2. Ver *Pregar Meu Evangelho: Guia para o Serviço Missionário*, 2018, pp. 124, 132.

O que significa ter longanimidade?

Uma definição de *longanimidade* é ter a capacidade de continuar a dar amor mesmo quando nos sentimos sozinhos, magoados ou frustrados. Você conhece pessoas que são exemplos de longanimidade? Como você pode seguir o exemplo delas?



Como posso mostrar mansidão?

Parte de ser manso é reconhecer o sucesso de outras pessoas.¹ Existe alguém em sua vida que você pode, de maneira sincera, felicitar ou elogiar?

Demonstro amor de modo sincero?

O amor divino é genuíno. Como você pode desenvolver um amor mais genuíno pelas pessoas a seu redor? O capítulo 6 do manual *Pregar Meu Evangelho* ensina como desenvolver atributos cristãos e lista várias escrituras que você pode estudar sobre o amor.²





O que significa ter integridade?

Em Doutrina e Convênios 124:15, o Senhor disse que amava Hyrum Smith “pela integridade do seu coração”. Avalie como você pode mostrar integridade nestes aspectos de sua vida:

Integridade interpessoal

Inclui responder por seus erros e fazer o que prometeu a outras pessoas.

“A integridade preserva o amor da família, e o amor deixa a vida familiar mais rica e deleitosa — agora e para sempre.”²

Você cumpre as promessas que faz?



Você merece a integridade!

O presidente Nelson nos incentiva: “Sua preciosa identidade merece sua preciosa integridade! Proteja-a como um prêmio inestimável que é”.⁴



Integridade espiritual

Inclui permanecer fiel às suas experiências espirituais do passado e não as negar.

“Nossa busca por luz é reforçada por nossa disposição de reconhecê-la quando brilha em nossa vida.”³

Que experiências espirituais você já teve que não consegue negar?

Integridade profissional

Inclui dar o melhor de si em seu trabalho ou nos estudos e não levar o crédito pelo trabalho de outras pessoas.

O presidente Russell M. Nelson pergunta: “Se contratado para realizar um trabalho, você é totalmente leal ao empregador? Ou você admite brechas em sua lealdade?”¹

NOTAS

1. Russell M. Nelson, “Integrity of Heart”, devocional da Universidade Brigham Young, 23 de fevereiro de 1993, p. 4, speeches.byu.edu.
2. Russell M. Nelson, “Integrity of Heart”, p. 3.
3. Vern P. Stanfill, “Escolher a luz”, *A Liahona*, novembro de 2015, p. 57.
4. Russell M. Nelson, “Integrity of Heart”, p. 7.





Élder Jeremy R. Jaggi
Dos setenta

*O que aprendi
sobre o templo
quando era
um jovem
missionário tem
me abençoado
desde essa época.*

Têmplo de Kirtland: Um lugar de santidade

Muitos missionários abrem seu chamado rodeados por familiares e amigos. Abri o meu sozinho em um campo de batatas. Eu era aluno do Ricks College (que posteriormente se tornou a Universidade Brigham Young–Idaho). Não tínhamos mídias sociais ou internet na época e eu estava longe de minha família. Então, fui para o campo, proferi uma oração e abri a carta.

“Você foi chamado para servir na Missão Ohio Cleveland”, li. O fato de Kirtland, Ohio, fazer parte da missão foi algo que me agradou bastante, embora não entendesse, na época, sua importância.

Bem-vindo a Ohio

Minha primeira designação foi a Ala Ashtabula, na Estaca Kirtland. A caminho de minha primeira área, o élder Shawn Patrick Murphy e eu paramos na loja de Newel K. Whitney, em Kirtland. Atualmente, existe um grande centro de visitantes lá, mas, na minha época, era um lugar pequeno. Lembro-me de subir as escadas que levavam a um cômodo na sobreloja onde Joseph Smith realizava a Escola dos Profetas. Pouco sabia sobre a história do lugar, mas ainda assim senti algo diferente ao entrarmos naquela modesta sala com seus bancos simples de madeira.

O diretor do centro de visitantes, o presidente Brewer, era ex-presidente de missão. Enquanto ele falava sobre aquele lugar onde os irmãos estudaram e aprenderam juntos, senti o Espírito fortemente. Comecei a enxergar o papel crucial que Kirtland desempenhara na história da Igreja.

Um lugar de preparação

No início da década de 1830, Independence, Missouri, havia sido reconhecida como o lugar da Nova Jerusalém. Os santos tinham começado a se estabelecer lá. No entanto, foram expulsos por causa das diferenças com outros residentes do estado e da oposição às crenças dos santos. Em 1834, Joseph organizou um grupo de aproximadamente 230 homens, mulheres e crianças que posteriormente ficou conhecido como Acampamento de Sião. Eles viajariam de Ohio até o Missouri para ajudar os santos a reaverem a terra que haviam comprado legalmente. A



jornada de 1.500 quilômetros não permitiu a recuperação das terras, mas criou um ambiente que ajudou a preparar os futuros presidentes da Igreja, Brigham Young e Wilford Woodruff, e outros líderes, inclusive apóstolos e setentas.

O importante não foi apenas a preparação de líderes — o efeito de santificação do Acampamento de Sião preparou um povo disposto a se sacrificar para construir um templo.

Em Kirtland, o profeta recebeu várias revelações sobre a organização da Igreja, tudo em preparação para o que seria o ponto culminante — a construção do templo.¹ E o sacrifício trouxe literalmente as bênçãos do céu.² Os santos eram tão pobres que mal conseguiam suprir suas necessidades básicas. Ainda assim, consagraram seu tempo, seus talentos e suas posses — o mesmo convênio que fazemos no templo hoje — para construir a casa do Senhor.

O espírito do templo

Atualmente, o Templo de Kirtland é propriedade de outra igreja — a Comunidade de Cristo. Quando um guia dessa denominação nos conduziu pelo prédio, senti o Espírito enquanto ele lia passagens dos diários daqueles que presenciaram eventos extraordinários na dedicação do templo. Esses eventos incluíam a visão de anjos e do templo envolto em luz.³ O Espírito me confirmou que aquele local havia de fato sido uma casa de Deus.

Servi na Ala Ashtabula por sete meses. Em quase todos os dias de preparação, levávamos pessoas que estávamos ensinando para visitar a loja de Newel K. Whitney e conversávamos sobre o Templo de Kirtland. Muitas vezes recitamos o registro inspirado da aparição de Cristo no templo:

“Os seus olhos eram como uma labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; o seu semblante resplandecia mais do que o brilho do sol; e a sua voz era como o ruído de muitas águas, sim, a voz de Jeová, que dizia:

Eu sou o primeiro e o último; sou o que vive, sou o que foi morto; eu sou o vosso advogado junto ao Pai” (Doutrina e Convênios 110:3–4).

Além do Salvador, outros também visitaram o templo — Moisés, Elias e Elias, o Profeta. Eles conferiram a Joseph as chaves da coligação de Israel, da dispensação do evangelho de Abraão e do trabalho de templo e história da família (ver Doutrina e Convênios 110:10–16).

Sacrifício e bênçãos

Em virtude da relevância dessas visitas, acho que às vezes negligenciamos a importância de outros acontecimentos. Na oração dedicatória, Joseph Smith se dirigiu ao Senhor Deus de Israel, “que [cumpre] os convênios e [mostra] misericórdia”, e rogou ao Senhor: “Aceita a dedicação desta casa a ti, obra de nossas mãos, que construímos ao teu nome” (Doutrina e Convênios 109:1, 78).

Ao aparecer em resposta a essa oração, Jesus Cristo, como porta-voz de Deus, o Pai, demonstrou aprovação de Sua casa, das ordenanças que seriam realizadas, bem como dos



convênios que seriam feitos ali. Essa aprovação foi concedida a todos os templos dedicados desde essa época, assim como aos convênios feitos e às ordenanças realizadas neles.

Na oração dedicatória, Joseph também pediu especificamente ao Senhor que abençoasse aqueles que serviam nas presidências e seus familiares. Hoje essas bênçãos são estendidas às presidentes da Sociedade de Socorro, das Moças, aos presidentes de quórum, de estaca, de missão e assim por diante (ver Doutrina e Convênios 109:71). Em seguida, Joseph pediu ao Senhor: “Lembra-te de toda a tua igreja, ó Senhor, com todas as suas famílias (...) que tua igreja saia do deserto da escuridão e resplandeça” (Doutrina e Convênios 109:72–73).

Joseph buscou bênçãos específicas para as presidências e seus familiares, e para a Igreja como um todo. Testemunhamos regularmente o cumprimento dessas bênçãos à medida que a Igreja resplandece como uma luz na escuridão.

Três verdades fundamentais

Para mim, a dedicação do Templo de Kirtland ilustra três verdades fundamentais:

1. **Somos abençoados quando nos preparamos para o templo.** Os santos tiveram de se preparar para a construção do Templo de Kirtland. Precisaram se sacrificar, purificar-se e desenvolver um coração solícito. Devemos fazer o mesmo para nos preparar melhor a fim de receber as bênçãos que o Senhor tem para nós.
2. **Podemos receber revelação na casa do Senhor.** As visões concedidas a Joseph Smith e Oliver Cowdery no Templo de Kirtland proporcionaram orientação,

direção e entendimento. No aspecto pessoal, também podemos encontrar inspiração quando vamos ao templo em busca de respostas.

3. **Podemos encontrar refúgio no templo.** Em uma época de perseguição e pobreza, os santos em Kirtland descobriram que a casa do Senhor era um santuário no qual podiam deixar de lado as preocupações que os afligiam. O mesmo se aplica a nós hoje em dia.

As bênçãos do templo

Com o passar dos anos, constatei que as coisas que aprendi sobre o templo quando era um jovem missionário em Ohio têm abençoado a mim e à minha família. Por exemplo, um ano depois que nos casamos, minha esposa, Amy, e eu fomos inspirados no templo a saber que aquele era o momento para termos um filho. Éramos estudantes e, por causa do orçamento apertado, senti-me tentado a ignorar essa inspiração. Mas o Senhor estava nos preparando.

Tivemos três abortos espontâneos em um período de dois anos, e me perguntei: “Por que a inspiração para termos filhos se não conseguimos?” Então nos mudamos para a Califórnia, consultamos um médico especialista em fertilidade e finalmente tivemos nossa primeira filha, Mackenzie.

Ao seguirmos a inspiração recebida no templo, iniciamos um processo que levou três anos. Se não tivéssemos seguido a impressão desde o início, é bem provável que tivéssemos demorado mais três anos para conseguir ter nossa primeira filha. Consideramos essa experiência uma bênção de preparação e revelação.

Tivemos uma segunda filha, Emma, mas depois sofremos outro aborto e a perda de nosso filho Stewart. Nos meses e anos seguintes, ao buscarmos paz, aprendemos que a maior parte dos símbolos encontrados no templo nos conduz ao Salvador e ao bálsamo de cura que apenas Sua Expição pode conceder.

Sou grato pelas bênçãos do templo. Testifico-lhes que é um lugar de preparação, revelação e paz. ■

NOTAS

1. Quarenta e seis revelações publicadas em Doutrina e Convênios foram recebidas por Joseph Smith em Kirtland ou nas imediações.
2. Ver “Hoje, ao profeta louvemos”, *Hinos*, nº 14.
3. Ver *History of the Church*, vol. 2, p. 428.

“Sabe o quanto sou grata?”

Sherri Heider Wright

Dorothy sabia que o fim estava próximo. A cada dia, ela perdia algo mais — nada tangível, mas capacidades. A capacidade de tomar banho sozinha. A capacidade de preparar suas próprias refeições. A capacidade de caminhar até o banheiro sem cair. A capacidade de destrancar a porta de casa para apanhar o jornal. A capacidade de escrever um bilhete para um ente querido.

Contudo, algumas coisas ela ainda não havia perdido. Sua coragem. Sua perspicácia. Sua gratidão. Por isso, estar com Dorothy trazia alegria. Seu lar parecia receber convidados de ambos os lados do véu.

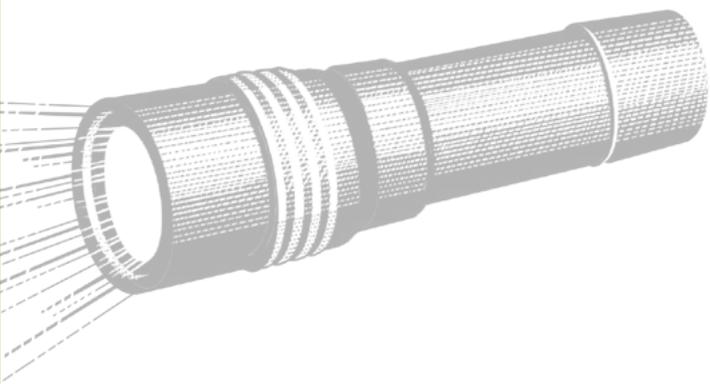
Certa noite, eu era a irmã da Sociedade de Socorro designada para ficar com ela — supostamente para ajudá-la. Uma tempestade de primavera se iniciou, e a eletricidade parou de funcionar por volta das 23 horas. Descobrimos que estávamos sem energia quando tentei ligar as luzes para ajudá-la a ir ao banheiro. Apertei o interruptor, mas nada aconteceu. Contudo, Dorothy estava preparada. Tirou uma lanterna minúscula do bolso de seu andador e, de alguma forma, com aquele feixezinho de luz, conseguimos percorrer o corredor. Depois de voltar devagarinho para sua cadeira, ela sorriu e perguntou: “Sabe o quanto sou grata?”

Naquela mesma noite, por volta de meia-noite e meia, algo me acordou. Recebi a impressão: “Dorothy precisa do oxigênio portátil”. Notei que o som que a máquina de oxigênio de Dorothy normalmente emitia havia parado. A eletricidade ainda não tinha voltado. Apressei-me para pegar o oxigênio portátil. Coloquei o aparelho nela, tentando não a acordar. Enquanto eu colocava os tubos em volta de seu rosto, ela olhou para mim e perguntou: “Sabe o quanto sou grata?”

Felizmente, quando mandei uma mensagem para nossa presidente da Sociedade de Socorro à 1 hora da madrugada, ela respondeu. “Não

Certa noite, ao cuidar de uma irmã idosa, aprendi uma lição sobre a gratidão que vou levar para o restante da vida.





faltou eletricidade aqui em casa”, disse ela. “Vou ligar para a companhia elétrica.” O telefonema dela surtiu efeito, pois 30 minutos depois chegaram veículos e técnicos para restabelecer a eletricidade na casa de Dorothy. Quando ela acordou às 2 horas e 30 minutos para mais uma cambaleante ida ao banheiro à luz da lanterninha, olhou pela janela da cozinha. Viu todas aquelas técnicas e disse: “Espero que eles saibam o quanto sou grata”.

A equipe foi embora às 5 horas e 30 minutos da madrugada, justamente quando a bateria do oxigênio portátil acabara. Mas as luzes voltaram a acender. Após outra lenta ida ao banheiro, vimos que sua máquina de oxigênio estava funcionando de novo. Ajudei Dorothy a se sentar em segurança. Antes de fechar os olhos, ela me falou de outros três visitantes que ela havia visto durante a noite: familiares que vieram para lhe trazer consolo e paz. Ela sussurrou mais uma vez: “Sabe o quanto sou grata?”

Saí da casa de Dorothy no sábado às 8 horas da manhã, quando outra irmã de nossa ala veio para ficar com ela. Ao me sentar em meu carro, meus olhos começaram a lacrimejar. Senti um amor enorme por Dorothy e uma gratidão imensa pelos doces momentos que passei com ela.

Surpreendi a mim mesma profirindo uma oração de agradecimento à medida que suas palavras brotavam de meu coração: “Pai Celestial, sabes o quanto sou grata?”

Apesar de sua idade avançada e dependência, Dorothy me abençoou naquela noite com seu exemplo simples de gratidão. E continua a me abençoar. Embora ela já tenha falecido, ainda me pergunto com frequência: “As pessoas sabem o quanto sou grata?” E, sempre que esse pensamento me vem à mente, tento expressar essa gratidão. ■

A autora mora em Utah, EUA.

SAIBA MAIS

Leia sobre cuidar de si mesmo ao cuidar dos outros na *Liahona* de abril de 2021 — um artigo na versão impressa (“Enquanto cuida dos outros, cuide de si mesmo”) e outro em formato digital (“Você é cuidador? Cuide de si mesmo também”).

Templos, o nome da Igreja e inclusão

Prezados pais,

Nesta edição, vocês poderão aprender sobre o uso do nome correto da Igreja, a importância dos templos e inclusão. Vocês podem utilizar estes artigos e as ideias a seguir para iniciar conversas com sua família sobre coisas que podemos fazer para progredir no caminho do convênio.

DEBATES SOBRE O EVANGELHO

Assim será a minha igreja chamada

O presidente Henry B. Eyring explica por que devemos usar o nome completo da Igreja e as bênçãos que recebemos ao fazê-lo (ver página 6). Vocês podem ler esse artigo com sua família e debater sobre como o uso do nome da Igreja é uma maneira de prestar testemunho.

O templo

Use os artigos nas páginas 10–17 e as histórias na revista *Meu Amigo* para ajudar sua família a aprender sobre o templo. Perguntem a seus filhos o que o templo significa para eles. Utilizem os recursos da Igreja para ajudá-los a responder quaisquer perguntas que venham a ter sobre o templo.

Inclusão

Se vocês tiverem um filho mais velho que sinta atração por pessoas do mesmo sexo ou que tenha amigos nessa situação, leiam juntos o artigo na página 20. Depois debatam sobre como vocês podem ajudar seus filhos ou os amigos deles a se sentirem mais incluídos e como podem compartilhar o amor de Deus com eles.

Ideias para o Vem, e Segue-Me

Ver páginas 26–29.



DIVERSÃO EM FAMÍLIA COM O VEM, E SEGUE-ME

O peso da aflição

Doutrina e Convênios 122:5–9

1. Juntem alguns objetos pesados, como pedras ou livros grandes.
2. Sentem-se formando um círculo.
3. Mostrem uma foto de Joseph Smith na cadeia de Liberty.
4. Leiam Doutrina e Convênios 122:5–7.
5. Para cada aflição mencionada nesses versículos, coloquem uma pedra no meio do círculo.
6. Peçam que cada pessoa acrescente mais uma pedra ao monte no meio do círculo para representar uma provação que ela já tenha vivido.
7. Leiam Doutrina e Convênios 122:8–9.
8. Quem sentiu a dor de todas essas provações? Imaginem como alguém se sentiria ao carregar todas elas.

Debate: De que maneira o Senhor nos entende, ajuda-nos e transforma nossas provações em experiências que “serão para o [nosso] bem”? (Doutrina e Convênios 122:7.)

Enviado por Mitzi Schoneman

DA REVISTA FORÇA DOS JOVENS

Uso da ferramenta de referência missionária

Leiam esse artigo com sua família e debatam como cada um de nós pode usar essa ferramenta para facilitar o trabalho missionário. Descubram quais informações são necessárias para o envio de uma referência aos missionários. Vocês podem ajudá-los a fazer isso ou, se eles tiverem seus próprios aparelhos, mostrem-lhes como usar essa ferramenta.

Preparação para receber a investidura

Se vocês tiverem filhos que estão se preparando para receber a própria investidura, leiam esse artigo com eles. Conversem sobre quaisquer perguntas que eles tenham.

As bênçãos do uso do nome correto da Igreja

Debatam com seus filhos qual é o nome correto da Igreja e por que o usamos. Leiam esse artigo do élder Ulisses Soares e utilizem as ideias para guiar o debate e ajudar seus filhos a reconhecerem as bênçãos de usarmos o nome correto da Igreja.

Crescer na Irlanda

Vocês moram em um lugar onde não há muitos membros da Igreja? Com sua família, leiam a história de Evan e como ele defende suas crenças como um dos únicos membros da Igreja em sua escola. Perguntem a seus filhos como eles podem fazer boas escolhas e defender a verdade mesmo quando estiverem sozinhos.



DA REVISTA MEU AMIGO

Tudo sobre os templos

Saibam mais sobre a primeira caravana de Elena ao templo, a empolgação de Ajan para receber sua recomendação para o templo e o sacrifício de Margaret para frequentar o templo na Nova Zelândia.

Usem a página de diário “Minha história” para ajudar seus filhos a descobrir quantos anos, meses e dias faltam para eles poderem receber uma recomendação para o templo.

Amar e aceitar os outros

Ângela não gosta do garoto novo de sua classe até descobrir mais coisas sobre ele. Usem essa história para

ensinar a seus filhos que devemos amar as pessoas em vez de julgá-las.

Vem, e Segue-Me para os amiguinhos

Encontrem atividades semanais com base nas escrituras e em outros recursos importantes para ensinar as crianças mais novas na seção “Para os amiguinhos”.

Apóstolos em todo o mundo

Saibam mais sobre a visita do élder Dale G. Renlund aos membros da Igreja no Caribe.

Como me tornei alguém que ama o templo

Harmony Seivert, Havaí, EUA

Eu me comprometera a frequentar o templo toda sexta-feira, mas, certa manhã, vários centímetros de neve puseram à prova minha resolução.

Eu estudava na Universidade Brigham Young em 1994, quando o presidente Howard W. Hunter (1907–1995) aconselhou os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a se tornarem “um povo que frequenta e ama o templo”. Ele disse: “Procuramos diligentemente ir à casa do Senhor tão amiúde quanto nosso tempo, nossos meios e nossas condições pessoais nos permitirem”.¹

Naquela época, eu morava em um apartamento que ficava a 15 minutos a pé do Templo de Provo Utah. Eu não tinha carro, mas sabia que não havia desculpas para não frequentar o templo regularmente. Decidi tornar isso uma prioridade.

Organizei meu horário de aulas de modo a ficar com a sexta-feira livre. Então, comprometi-me a torná-la meu “dia do templo”. Todas as sextas-feiras naquele semestre, debaixo de sol ou de chuva, caminhei até o templo às 7 horas e 30 minutos para fazer batismos vicários. Se eu precisasse terminar um trabalho ou projeto grande, primeiramente ia ao templo e depois dedicava o restante do dia para as atividades da faculdade.

Em uma manhã de inverno, quando me levantei, vi vários centímetros de neve no chão. Como alguém da Califórnia central, eu não estava acostumada com a neve e estava apavorada com a ideia de caminhar até o templo. Mas, em vez

de racionalizar e ficar em casa, vesti botas quentes, levei na bolsa meus sapatos sociais e iniciei o trajeto para o templo.

Quando cheguei, fui cumprimentada por uma oficiante do templo que me conhecia e que ficou contente em ver que eu tinha conseguido realizar minha caminhada apesar do clima adverso. Uma vez dentro do templo, senti um misto de triunfo e gratidão. Percebi que, assim como o profeta havia pedido, eu havia me tornado uma pessoa “que frequenta e ama o templo”.

Nos anos seguintes, meu tempo, meus meios e minhas condições pessoais, bem como a distância de um templo, mudaram várias vezes. Entretanto, com cada mudança, organizei meu horário de modo a manter a frequência ao templo como prioridade em minha vida.

Ao fazer isso, recebi as bênçãos do templo tal qual prometera o presidente Hunter. ■

NOTA

1. Howard W. Hunter, “O grande símbolo de nossa condição de membros da Igreja”, *A Liahona*, novembro de 1994, p. 6.



Anjos no templo

Justin Tate, Maryland, EUA

Fiquei apreensivo, achando que minha condição nervosa pudesse ser uma distração para outras pessoas no templo — até ouvir palavras reconfortantes de um casal.

O templo é o lugar mais calmo e silencioso da Terra, certo? Bem, talvez não para alguém como eu, que tem síndrome de Tourette. Essa condição neurológica me leva a fazer constantemente movimentos e sons involuntários. Em um lugar silencioso, essa síndrome pode deixar as pessoas incomodadas quando estou por perto.

Certo dia, durante uma sessão de investidura no Templo de Washington D.C., fiquei preocupado, achando que pudesse incomodar ou distrair as pessoas. Preciso focar completamente para controlar meus tiques, o que me impede de me concentrar em qualquer outra coisa. Então, ao tentar prestar atenção à investidura, foi impossível controlar completamente meus tiques embora estivesse me empenhando ao máximo. No decorrer da sessão, descontrolei-me mais do que de costume.

Posteriormente, ao sair da sala celestial, ouvi uma voz reconfortante atrás de mim, que dizia: “Volte, por favor. Não deixe de continuar vindo ao templo”.

A voz veio de um casal que tinha visto meu esforço. Eles queriam me assegurar de que eu seria sempre bem-vindo ao templo a despeito dos sons ou movimentos que eu

fizesse. Suas palavras me fizeram sentir tão bem-vindo e necessário lá como qualquer outra pessoa.

Ao me abraçarem, o Espírito Santo me abençoou com paz e alegria. Deus havia enviado Sua terna misericórdia na forma daqueles dois anjos, que me consolaram e mostraram que Ele Se importa. Por causa deles, senti a paz e calma que esperara vivenciar no templo naquele dia.

“Nem todos os anjos vêm do outro lado do véu”, afirmou o élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos. “Alguns deles caminham conosco e falam conosco — aqui, agora e todos os dias.”¹

Podemos todos ser anjos para aqueles ao nosso redor ao transmitirmos “amor e interesse [pelos filhos de Deus]”.² ■

NOTAS

1. Jeffrey R. Holland, “O ministério de anjos”, *A Liahona*, novembro de 2008, p. 30.
2. Jeffrey R. Holland, “O ministério de anjos”, p. 29.

O Grande Acompanhante

Brigitta Wright, Utah, EUA

No meio de meu desabafo, um pensamento simples, porém contundente, veio-me à mente e aumentou minha gratidão.

Há algo emocionante em sentar em um banco, com as mãos sobre as teclas de marfim do piano, esperando o sinal do maestro. Fazer acompanhamentos instrumentais é um de meus passatempos preferidos, mas não é algo que me torna o centro das atenções. Às vezes, meu ego fala mais alto e quero que alguém reconheça meus esforços.

Nós, acompanhantes, apoiamos os artistas, mantemos o ritmo e somos os responsáveis por harmonizar a música e lhe dar sentimento. Chegamos até a cobrir os erros dos intérpretes. Praticamos por horas a fio, antes e depois dos ensaios. Não raro, somos os *últimos* a receber a partitura, mas os *primeiros* que precisam aprendê-la.

Durante um período difícil, fiquei bastante desanimada. Sentia que ninguém valorizava meu trabalho. Certa noite, ajoelhei-me ao lado da cama para conversar com o Pai Celestial.

Iniciei minha oração enumerando tudo o que eu estava fazendo sem receber o menor agradecimento. Eu não precisava de muito, mas precisava de *algo*. Disse a Ele que me sentia esquecida.

Durante meu desabafo, o Espírito me sussurrou um pensamento que mudou toda a minha perspectiva.

Parei de orar ao, subitamente, encarar minha situação de um ponto de vista diferente. Comecei a rever minha lista de reclamações, mas colocando o Pai Celestial na posição de acompanhante. Fiquei surpresa

e me senti pequena ao pensar em como tendemos a ignorar o quanto Ele nos ajuda, enriquece nossa vida, corrige nossos erros e “não [tosque-neja] nem [dorme]” (Salmos 121:4) por nossa causa. Será que O convidamos por último, mas esperamos que seja o primeiro?

Depois dessa experiência, comecei a Lhe agradecer por Seu magnífico acompanhamento em minha vida. Tudo o que sou é em razão Dele e de Seu Filho. Que diferença de perspectiva! Ele não me castigou por meus sentimentos ou minhas queixas. Em vez disso, escolheu me ensinar. Ele me ensinou uma forma diferente de enxergar a Ele e aos outros.

Agora, quando caio na armadilha da autocomiseração, lembro-me

de meu Grande Acompanhante — Aquele com Quem estou ensaiando e a Quem preciso agradecer. O Pai Celestial me ensinou a valorizá-Lo de um modo até então inédito para mim, a ver as pessoas ao meu redor com mais apreço, a ter um coração mais grato e a lembrar das palavras de Seu Filho: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (João 10:10). ■





Os *convênios* podem transformar nossos relacionamentos

Emily Abel

Quando criança, sentia orgulho de conseguir definir uma palavra grande como *convênio*. Sempre que o assunto surgia na igreja, declarava com orgulho: “Convênio é uma promessa entre mim e Deus!”

Ao crescer, fiz convênios por meio do batismo e no templo, e minha definição continuava praticamente inalterada. Enxergava os convênios como um conjunto de regras a serem seguidas e, então, Deus cumpriria Sua parte do trato ao me conceder as bênçãos prometidas.

Para mim, os convênios pareciam um item a assinalar em uma lista de afazeres. Eu conseguia enxergar como outras práticas do evangelho como a oração e o jejum contribuíam para desenvolvermos um *relacionamento* com o Pai Celestial, mas os convênios pareciam não passar de *regras* Dele.

Minha definição na infância não deixou de ser um bom começo, mas precisava de mais algumas linhas caso os convênios fossem transformar minha vida do modo como Deus planejava.

Preenchendo as lacunas

Estas palavras do élder Gerrit W. Gong, do Quórum dos Doze Apóstolos, foram um ponto de partida para o desenvolvimento de minha definição de *convênio*:

“Por convênio divino, pertencemos a Deus e uns aos outros. Fazer parte do convênio é um milagre. (...)”

Os convênios podem nos dar poder para amarmos a nós mesmos, servirmos ao próximo e retornarmos à presença de nosso Pai Celestial e nosso Salvador.

É não desistir de nós mesmos, uns dos outros nem de Deus”.¹

Desde que descobri essa citação, percebi que os convênios têm um impacto diário em nossa vida. Quando verdadeiramente vivemos de acordo com os convênios que fizemos, não desistimos de nós mesmos, das pessoas ao nosso redor nem de Deus. Nossos convênios nos ajudam a entender a verdadeira natureza de nossos relacionamentos e nos dão o poder de que precisamos para desenvolvê-los.

Trata-se mais do que apenas seguir regras; os convênios têm o objetivo de fortalecer relacionamentos!²

Examinemos três relacionamentos que são essenciais em nossa vida e como nossos convênios podem fortalecê-los: nosso relacionamento com nós mesmos, nosso relacionamento com os outros e nosso relacionamento com nosso Pai Celestial e nosso Salvador.

Reconhecer nossa identidade eterna

Todos anseiam por um senso de identidade. Quando estava no Ensino Médio, um dos pilares de minha identidade era meu amor pela dança. Por fazer inúmeras aulas de dança e apresentações, “dançarina” era uma parte central de quem eu era.

Mas, ao terminar o Ensino Médio, a vida tomou novos rumos e me distanciei de minha antiga paixão. Sem a dança, faltava-me motivação diária, e eu ansiava por voltar a me sentir parte de um grupo. Vivi semanas de profundo desânimo à medida que tentava redescobrir quem eu era e qual era meu lugar. Essa difícil experiência me ensinou que, enquanto algumas identidades são passageiras, outras podem enriquecer nossa vida para sempre.

O élder Gong ensinou:

“Com amor infinito, [Deus] nos convida a acreditar e a fazer parte de Seu reino por convênio.

(...) O antigo paradoxo continua sendo verdadeiro. Quando abrimos mão de nosso lado mundano ao fazermos parte do convênio, descobrimos e nos tornamos o melhor ser eterno que podemos ser — livres, vivos, reais”.³



Ser membro de um grupo de dança foi uma experiência significativa e instrutiva, mas, ao focar demais em meu rótulo de “dançarina”, perdi de vista minha identidade eterna.

O que me ajudou a voltar o foco para minha identidade eterna foi me lembrar de meus convênios batismais. Ao decidir moldar minha identidade por meu papel principal de discípula de Jesus Cristo, encontrei o senso de pertencimento que tanto almejava.

Também percebi que fazer e guardar convênios sagrados com Deus nos ajuda a focar em Cristo, o que contribui para termos sucesso em todos os aspectos da vida. Acredito que Cristo se importa com meu amor pela dança e me ajudou a ter êxito nisso. Apenas precisei aprender a não deixar a dança ser a base de minha identidade.

Esta jornada mortal será diferente para cada pessoa, mas guardar convênios e permanecer no caminho do convênio pode trazer a todos nós o poder de que precisamos para nos tornarmos a melhor versão de nós mesmos.⁴

Aprofundar nosso amor pelos outros

Os relacionamentos de amor que cultivamos com as pessoas estão entre as partes mais gratificantes da vida, mas também podem ser difíceis de construir e manter. Por meio de nossos convênios, entenderemos melhor como amar as pessoas a nosso redor. O élder Gong disse: “Na revelação de nossa essência verdadeira e divina por meio de nossos convênios com Deus, aprendemos a reconhecer e amar nossos semelhantes tal como Ele o faz”.⁵

Os convênios podem transformar nossa perspectiva das relações terrenas. Por exemplo, depois que uma amiga minha foi batizada na casa dos 40 anos, comentou que tinha uma compreensão diferente de seu papel como mãe. O fato de saber que o Pai Celestial a orientaria por meio do dom do Espírito Santo lhe deu segurança de que ela poderia ajudar seus filhos a sobrepujarem seus desafios pessoais.

Ser alguém que guarda os convênios pode abençoar nossos relacionamentos de muitas formas, inclusive as seguintes:

- Quando nos lembramos da natureza eterna dos convênios, conseguimos encontrar maior esperança, força e paciência nos relacionamentos difíceis.
- Ao nos tornarmos melhores em cumprir promessas, conseguiremos desenvolver um nível de confiança mais profundo uns nos outros.⁶

Por meio de
nossos convênios,
entenderemos
melhor como
amar as pessoas a
nosso redor.

- “Chorar com os que choram” (Mosias 18:9) pode nos ajudar a cultivar proximidade e amor.
- Quando reconhecemos que somos todos filhos do Pai Celestial, nosso coração se enche de amor até mesmo por totais desconhecidos (ver Doutrina e Convênios 18:10–11).

Esses são apenas alguns exemplos. Contudo, à medida que guardamos nossos convênios, o Pai Celestial pode nos conceder poder para desenvolvermos os atributos e as perspectivas necessários para relacionamentos bem-sucedidos, e sou grata por isso.

Fortalecer nosso relacionamento com Deus e Jesus Cristo

Embora seja verdade que as mesmas palavras são usadas quando as pessoas fazem certos convênios (como batismo e investidura no templo), duas palavras preferidas quando fiz esses convênios os tornaram exclusivos: *Emily Abel*. Essas duas palavras transformaram convênios universais em meu convite pessoal para que Cristo esteja presente em minha vida. Em razão desses convênios, agora estou, por meio do poder do sacerdócio, ligada a Cristo “por laços de amor”,⁷ e Ele está ligado a mim. O mesmo se dá com todos os que fazem convênios.

A dra. Ellie L. Young, professora adjunta de psicologia clínica e educação especial na Universidade Brigham Young, afirmou: “Estar ligados a Cristo significa conhecê-Lo. Sentimos Seu amor consolador. Sentimos Sua mão orientadora em nossa vida”.⁸

O objetivo de nossos convênios é, pelo menos em parte, ensinar-nos a amar nosso Pai Celestial e nosso Salvador, e conhecer a voz Deles (ver Alma 5:60). E

ver nossos convênios como parte de um relacionamento pessoal e crescente com Eles é essencial para retornarmos ao caminho do convênio quando nos desviamos. Quando saímos da rota ao trilharmos o caminho do convênio, Eles nos chamam e nos convidam a voltar. O Pai Celestial e Jesus Cristo estão sempre dispostos a perdoar quando desejamos, com sinceridade, retornar a Eles.

Agora sei que honrar meus convênios significa ter um *relacionamento* forte com o Pai Celestial e Jesus Cristo. Mesmo depois de cometermos um pecado grave, nossos convênios não são anulados para sempre caso nos arrependamos. Nosso Pai Celestial e nosso Salvador nos convidam a voltar e iniciar a mudança. Como salientou o élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, “não lhes é possível afundar tanto a ponto de não ver brilhar a infinita luz da Expição de Cristo”.⁹

Em um mundo com tanta competitividade, sou grata pelos convênios que me ajudam a me lembrar de meu valor infinito. Em um mundo repleto de relacionamentos complexos, sou grata pelos convênios que podem guiar minhas interações com as pessoas. E em um mundo marcado por desafios, sou grata a meu Pai Celestial e meu Salvador, que me ajudam a percorrer em segurança o caminho de volta para casa. ■

A autora mora em Utah, EUA.

NOTAS

1. Gerrit W. Gong, “O milagre de fazer parte do convênio”, *Liahona*, fevereiro de 2019, pp. 28–29.
2. Ver Gérald Caussé, “O foco são as pessoas”, *Liahona*, maio de 2018, p. 111.
3. Gerrit W. Gong, “Fazer parte do convênio”, *Liahona*, novembro de 2019, p. 80.
4. Ver Dieter F. Uchtdorf, “Você é importante para Deus”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 19.
5. Gerrit W. Gong, “O milagre de fazer parte do convênio”, p. 28.
6. Ver Ronald A. Rasband, “Cumprir nossas promessas e nossos convênios”, *Liahona*, novembro de 2019, p. 53.
7. Ver “Our Savior’s Love”, *Hymns*, nº 113.
8. Ellie L. Young, “The Transformative Power of Covenants”, devocional da Universidade Brigham Young, 11 de junho de 2019, p. 2, speeches.byu.edu.
9. Jeffrey R. Holland, “Os trabalhadores da vinha”, *A Liahona*, maio de 2012, p. 33.

As bênçãos de ser oficiante do templo

Servir no templo tornou as ordenanças e as bênçãos ainda mais especiais para mim.

Robert Parry

Quando fui ao templo pela primeira vez, fiquei boquiaberto com a majestade da casa do Senhor. Ficou claro quem eu era, por que eu estava na Terra e para onde meu caminho poderia me levar se eu mantivesse os olhos fitos em Cristo.

Eu tinha acabado de ser chamado para servir missão na Inglaterra e estava empolgado para passar no templo antes de partir. Preparei-me com antecedência aprendendo sobre as ordenanças do templo e me preparando para fazer convênios com o Senhor.

Depois, nasceu em mim a certeza de que eu continuaria frequentando regularmente o templo por toda a vida. E essa decisão influenciou meu desejo de servir como oficiante também.

Sacrificar-se para servir

Como o élder Ronald A. Rasband, do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou, “a frequência ao templo aumenta nossa compreensão da Trindade e do evangelho eterno, nosso comprometimento de viver e ensinar a verdade, e nosso desejo de seguir o exemplo de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo”.¹

Eu queria convidar essas bênçãos para minha vida, então, quando voltei de missão, conversei com meu

bispo sobre a possibilidade de me tornar oficiante do templo. Por fim, fui chamado para servir no Templo de Washington D.C. por alguns meses, enquanto trabalhava a fim de juntar dinheiro para a faculdade.

Servi no templo no turno das 18 horas toda sexta-feira à noite. Isso me obrigava a sair mais cedo do trabalho e fazer um trajeto de duas horas. Era um compromisso semanal importante e, às vezes, difícil.

Naquela época, minha jornada de trabalho era longa e envolvia muita força física, por isso eu geralmente chegava bastante cansado a meu turno no templo. Além disso, a maior parte do tempo eu estava mentalmente exausto com a preparação para a volta aos estudos e tentando definir o que ia fazer pelo restante de minha vida.

Contudo, durante meus turnos, não me faltava entusiasmo para aprender mais sobre as ordenanças. E, apesar de minha fadiga constante e de uma lista infinita de atividades, de algum modo, eu encontrava paz no templo. Sempre saía com um espírito de gratidão por servir ao Senhor ali e me sentia espiritualmente renovado ao final de cada turno ao focar no Salvador. A paz que eu sentia também me ajudava a encontrar direção e respostas para minha vida.



Queria convidar todas
essas bênçãos para
minha vida.

Criar tempo

Meu serviço no templo chegou ao fim quando me mudei para cursar a faculdade. Estava tão ocupado e sobrecarregado com os estudos que já não frequentava o templo com tanta regularidade. Comecei a notar um sentimento persistente de que precisava servir no templo novamente. Então, conversei com meu bispo sobre isso.

Fui chamado para servir no templo nos sábados à tarde.

Sim, eu estava ocupadíssimo, mas me senti emocionado ao criar tempo para servir na casa do Senhor todas as semanas. Em cada turno, aproximei-me do Salvador e do Pai Celestial, e desfrutei a paz que é própria de Sua casa.

Desfrutar as bênçãos do templo

Meu serviço no templo foi um tanto breve, mas posso testificar que esse período mudou minha vida para melhor.

Por causa dos sacrifícios que fiz ao servir e por causa da bondade do Senhor, sinto verdadeiramente que recebi as bênçãos do templo descritas certa vez pelo presidente Russell M. Nelson: “Prometo-lhes que o Senhor vai lhes proporcionar os milagres que Ele sabe que vocês precisam, se fizerem sacrifícios para servir e adorar em Seus templos”.²

Vivenciei esses milagres. E sei que você também pode presenciá-los ao tornar o serviço no templo uma parte central de sua vida.

Nem todos teremos a oportunidade de servir como oficiantes do templo. Mas, ao participarmos do trabalho de templo e história da família, guardarmos e honrarmos nossos convênios e frequentarmos o templo quando tivermos condições, poderemos todos nos aproximar mais do Pai Celestial e de Jesus Cristo, e convidar Suas orientações e Sua bondade para nossa vida. E, quando nossos olhos estão fitos Neles, podemos sempre ter paz no coração, sejam quais forem os desafios em nossa jornada. ■

O autor mora em Utah, EUA.

NOTAS

1. Ronald A. Rasband, “Recomendados ao Senhor”, *Liahona*, novembro de 2020, p. 23.
2. Russell M. Nelson, “Tornar-nos santos dos últimos dias exemplares”, *Liahona*, novembro de 2018, p. 114.

MAIS PARA VOCÊ
NA PUBLICAÇÃO SEMANAL
PARA JOVENS ADULTOS!



Como os **convênios** afetam meus relacionamentos interpessoais?



Que bênçãos resultam do **trabalho de templo e história da família?**

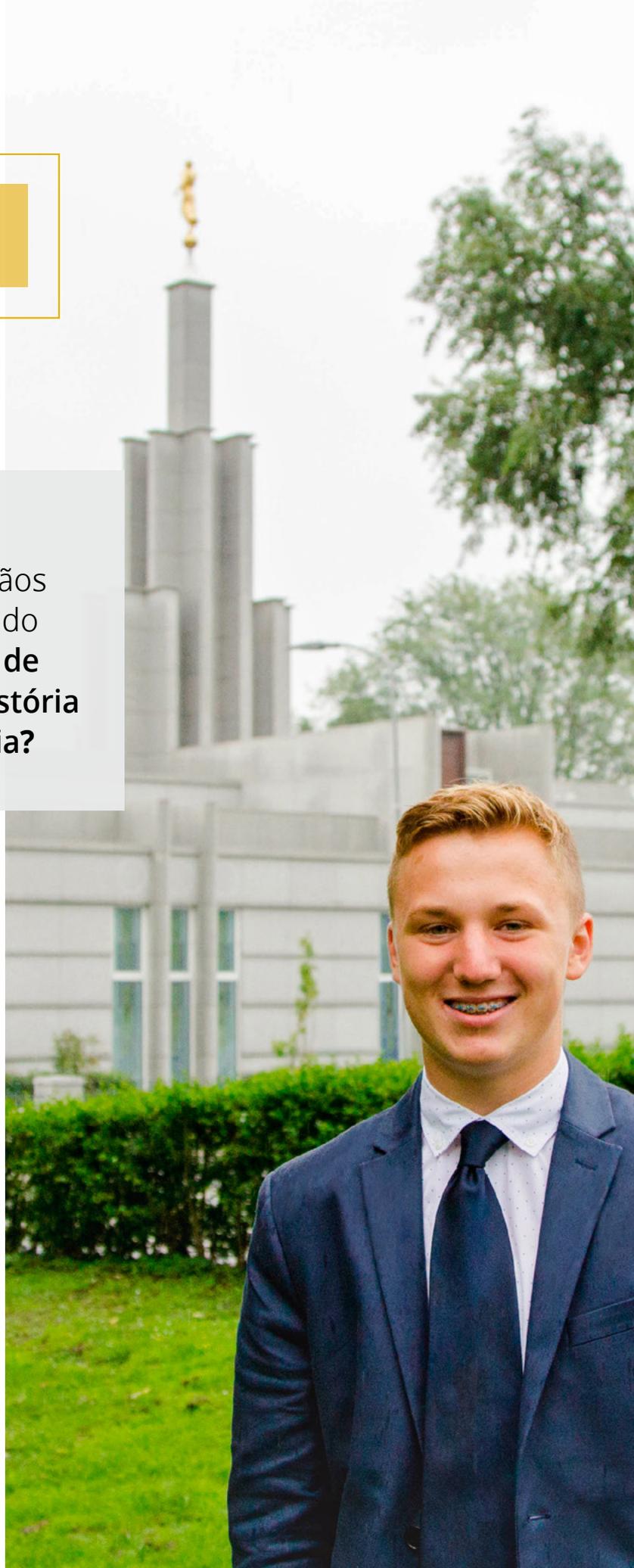


Como posso tornar **a frequência ao templo mais significativa?**

Você pode encontrar respostas para essas e outras perguntas na publicação semanal para jovens adultos deste mês (localizada na seção Jovens adultos da aba Audiências do aplicativo Biblioteca do Evangelho).

Todo mês na publicação semanal para jovens adultos, você pode encontrar novos artigos e recursos sobre o trabalho missionário, ajuda para adquirir habilidades úteis para a vida, devocionais dos líderes da Igreja voltados para os jovens adultos e muito mais.

FOTOGRAFIA DO TEMPLO DE HAMA, HOLANDA: NICOLE LIER





KIRTLAND TEMPLE, DE AMY ZELESKI

JOVENS ADULTOS

*Como os convênios podem
transformar nossos
relacionamentos*

42



UNIÃO

**INCLUIR NOSSOS
IRMÃOS E
NOSSAS IRMÃS**

18, 20

VEM, E SEGUE-ME

**REFLEXÕES SOBRE
DOCTRINA E
CONVÊNIOS 110-124**

26-33

ENVELHECER COM FÉ

**UMA LIÇÃO SOBRE
GRATIDÃO**

34

